

Cada numero contém sempre uma obra completa

N.º 60

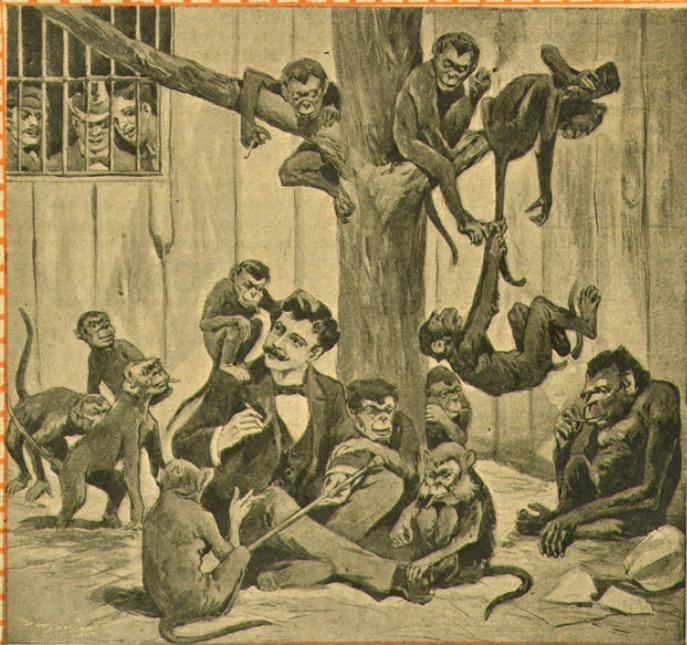
A NOVELLA POPULAR

Preço 60 rs.



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

Mysterios d'um crime



... Todos os bichos chupam freneticos os seus cigarros

Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Calçada de Ferregal, 23, 1.º — Lisboa
Editor e proprietário: F. A. de Miranda Sousa ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦
Comp. e imp. na — EMP. LUSITANA EDITORA, C. do Ferregal, 23 — pertencente ao editor

W 1685-168315

NICK CARTER



O celebre policia americano

Aventuras prodigiosas, extraordinarias e
sensacionaes do incomparavel dectetive

Cada volume contendo
= uma obra completa = 100 reis

Não existe um americano, seja elle quem fôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director de policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter** tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, rende o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se *sem que ninguem o reconheça* aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribeis antros onde impera a escumalha da sodiedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK

cidade que, outróra simples aldeia de pescalores, é hoje a segunda cidade do mundo pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **O assombroso dectetive Americano**

cidade que, outróra simples aldeia de pescalores, é hoje a segunda cidade do mundo pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **O assombroso dectetive Americano**

NICK CARTER

Ha mais de vinte e cinco annos que este personagem mysterioso, auxiliado pelo genial **Chick Carter**, seu primo, e pelos dedicados **Patsi** e **Ten-Itchi**, seus subordinados, desempenha as funcções do espinhoso cargo em que foi investido.

O que tem visto, as tragicas aventuras em que se tem envolvido, tudo quanto tem levado a cabo, os perigos terribeis que dia a dia tem affrontado, as torturas soffridas, os triumphos colhidos, tudo isto elle contará aos leitores na publicação que vamos encetar. Oçam-no!

NICK CARTER narra pessoalmente as suas famosas proezas!

cada uma dos quaes, publicada em volume, fôrma um episodio completo.

A Empresa Lusitana Editora, abalanchando-se a lançar no mercado a nova publicação, conta com a preferencia que o publico lhe tem constantemente dispensado, e, para lhe corresponder, publicará as

Aventuras de NICK CARTER

Em volumes in-8.º grande; de leitura compacta, brochado e com elegante capa artistica pelo modico preço de

100 RS., O volume contendo sempre um episodio completo **100 RS.**

Dirigir pedidos á **Empresa Lusitana Editora**, Calçada do Ferregial 23.—Lisboa

ACD
823.91
D598
99
P47
v. 2
no. 60

Mysterios d'um crime

Julio Lermina

CAPITULO I

Um singular companheiro de viagem

Pelos carris talhados na planicie austriaca resfolegava estrondosamente o expresso do oriente *Constantinopla—Vienna—Berlim*.

Humida e algida neblina de inverno ofuscava toda essa região escavada e só. N'este negrume brilhavam prateados os dois carris illuminados das lanternas furta-fogo, semilhando duas vivas e colleantes serpentes que arrebatariam o expresso para a solidão e para a morte, se acaso este na sua fuga fôra assaltado.

Em contraste, conversavam serenos, interessados, por entre fumaças, Sherlock Holmes e o dedicadissimo Harry Taxon, que viajavam n'um compartimento de primeira classe.

Apoz terem estudado em detalhe a vida oriental, ei-os agora de volta sonhando com Vienna, onde iam ficar uns dias, em Berlim, méta do seu peregrinar, calculando ambos abandonar Londres dentro d'oito dias.

Na fronteira austriaca-hungara, onde o comboio devia soffrer a vistoria da alfandega para proseguir, subira para o compartimento d'elles ao signal de partida um viajante que de ha instantes prendia a attenção de Sherlock Holmes. Era uma esbelta figura, homem elegante e parecendo pertencer á alta sociedade. Vestia com simplicidade, mas notavel distincção e tinha o ar de quem já corréra o mundo.

Só uma cousa não agradou ao famoso policia e foi precisamente o rosto do recémchegado.

Uma testa ampla denunciava rara intelligencia, larga experiencia da vida; mas os olhos pequeninos e occultos, faiscantes, relanceando tudo n'um momento davam ao rosto uma expressão d'astucia e consummada ardilêsa. E demais o bigode rente e escuro, inda lhe tornavam mais desagradavel a expressão do semblante e mais mysteriosa a pallidez.

E agora, entrando, o desconhecido, apoz leve cumprimento, annulára-se a um canto da carruagem e pela janella do comboio olhava as casas e arvoredos que fugiam velozes.

Por vezes o seu rosto inquietava-se e Sherlock Holmes que, simulando ler, o observava minuciosamente, notara com extraneza, como as mãos se lhe contorciam até que de novo retomou a sua attitude tranquilla e se quedou immovel, ao canto.

Harry Taxon a quem o extranho igualmente interessava, disse apoz instantes para Sherlock Holmes, esguelhando o olhar sobre o extranho:

—Nunca julguei que na Turquia houvesse ho-

mens tão altos. Na maior parte dos casos, os soldados que vimos tinham dois metros e até mais. Supuz sempre que os turcos fossem mais baixos, pouco mais ou menos da altura dos japonezes.

—Estás redondamente enganado, replicou Sherlock Holmes a rir, e o seu olhar abrangia o novo viajante lá ao canto. Os turcos são até na maioria altos e esbeltos, assim como os servios e romaios, ao contrario dos austriacos, como tiveste occasião de ver não ha muito ainda.

—Exactamente, meu caro senhor, disse o extranho, intrometendo-se na conversa.

Mas como Sherlock Holmes e Harry fallassem em allemão elle teve de servir-se da mesma lingua e os sons allemães custavam-lhe visivelmente a pronunciar. Entretanto fazendo-se comprehender perfeitamente e alteando a voz, repetiu:

—Exactamente, meu caro senhor; eu posso até servir d'exemplo porque sou servio, e, verdade é tambem haver nos turcos homens extraordinariamente altos. Agora os austriacos, proseguiu distendendo desdenhosamente os labios, não são para temer, embora n'elles não seja rara uma forte corpulencia. Mas, permittam-me, e chegou-se mais, eu chamo-me Milan Sergejevitsh, de Belgrado? Já lá estiveram alguma vez? Que lhes parece o nosso Pedro? E o principe herdeiro, o outro, este não?

Sherlock Holmes e Harry tinham-se erguido e inclinaram-se em leve reverencia, e quando Sergejevitsh se calou o famoso policia pronunciou com vagar:

—Nós somos dois mercadores allemães; chamo-me Frederico Gunderlich e este é meu sobrinho Oscar Gerlach. Tivemos uns negocios a tratar em Constantinopla e cá estamos de volta para chegar á Allemanha.

Os tres viajantes saudaram-se, e logo retomaram os seus logares.

—Com certeza fez os bons negocios que esperava, não é verdade? Tambem tenho a certeza de fazer o mesmo, esperem... esperem, e aqui suspendeu-se como que procurando uma expressão.

Sherlock Holmes quiz tira-lo de apuros e perguntou-lhe:

—Talvez em Vienna? ou na Allemanha?

Sergejevitsh respirou aliviado:

—Isso mesmo, em Vienna. Mais tarde então, talvez na Allemanha. Diga senhor... senhor.

—Gunderlich, ajudou-o Holmes.

—Sim, sr. Gunderlich. Conhece bem Vienna?

—Não, isso não. Já por varias vezes estive na capital, no lindo e azulado Danubio, mas foi sempre por causa dos meus negocios, de modo que nunca tive opportunidade para visitar minuciosamente a cidade.

—E' pena! E é tambem o que me vae succeder a mim, continuou Sergejevitsh pensativo.

Holmes, que não atingiu o sentido d'estas palavras, disse-lhe:

—O que? Tem medo de se não entender em Vienna? Ora! não se apoquente por isso! Qualquer policia lhe dará informações. E depois que motivo ha? Com certeza fica n'algum hotel. Para onde vae?

—Para o hotel, com certeza, disse o servio.

Sherlock Holmes, avaliando agora quanto elle estava contrariado e nervoso, entrou então a recordar-se admirado das primeiras palavras que elle, tão sereno, tinha pronunciado. Mas, emfim, attribuiu esta agitação á circumstancia de que o servio não se exprimeia correctamente na lingua allemã.

Este entretanto afastara-se, e encafuado lá ao seu canto, agora invisivel de novo, contemplava a noite escura, sem uma estrella sequer.

Holmes de modo nenhum o quiz despertar desta mudez, debruçou-se sobre o seu jornal; Harry, que estava em frente d'elle, puchou tambem pelo seu e ambos pareceram absorver-se na leitura...

Havia uma hora que o comboio abrandaa a velocidade. Holmes puchou pelo relógio e reconheceu estarem proximos a Vienna, terminus da viagem.

Elle e Harry levantaram-se e á medida que o comboio se avizinhava da capital austriaca, iam-se preparando para a chegada. Cada um trazia uma malhinha de mão amarella, ao passo que Milan Sergejevitsh vinha no compartimento com uma mala enorme.

Agora já elle tambem se apromptava, e tirando á vista de Harry a mala da rede, abriu-a, fechou-a em seguida e, como quem procura, apalpou a algebeira de dentro do casaco, tornou a abrir e a fechar a mala, até que emfim, entre varios papeis na algebeira do lado, encontrou o bilhete de viagem.

O expresso já chegára á estação e agora, descansando, parou. Rapidamente, o servio pegou na sua bagagem, cumprimentou apressadamente os seus companheiros de viagem e num segundo já tinha desapparecido na multidão...

Sherlock Holmes, meneando a cabeça, não o perdeu de vista, viu-o descer, e quando Harry se dispunha a seguir Holmes descobriu no logar em que o servio se tinha sentado um envelope branco, sem direcção e fechado.

—Mestre, exclamou elle para Holmes, que já se affastára uns passos. Oh! Esqueceu-se d'isto, na pressa, aquelle homem singular. Vamos entregal-o ao chefe da estação?

—Isso sim! Dá cá. O homem deu-me no goto. E quem sabe? Talvez a gente possa saber pelo contendo quem elle é. E então, depois, sim, podemos muito

bem fazer a entrega ás autoridades competentes do nosso achado.

Holmes apalpu o envelope e calculou que tivessem varias cartas ou pelo menos papeis, pois era notavelmente volumoso. Depois deu o braço a Harry para se não perder d'elle na multidão, e quando desciam a escada para irem hospedar-se num hotel, murmurou:

—Mas que extraordinario homem!

Na manhã seguinte, depois do café, examinou Holmes o achado com detalhada attenção. Abriu o envelope e dentro encontrou dez papeis cheios de um pó alvissimo e luzidio.

O genial policia redobrou o seu interesse, sem mais minucias observou o pó, e serenamente, meneando a cabeça, pegou no chapéu e só disse a Harry que se demorava um instante e se as suas conjecturas o não trahiam, os papeis continham arsenico puro.

Harry recou a estas palavras fitando Holmes com pasmo, como um perfeito idiota...

E Holmes, abanando de novo a cabeça só repetiu:

—Arsenico puro!

Um quarto d'hora depois o glorioso policia voltou ao quarto. Vinha pallido, com a voz tremida e assim respondeu ao olhar interrogador de Harry.

—Ah, não errei nas minhas supposições, querido Harry. E' arsenico puro. Só o diabo sabe como o servio conseguiu isto. E te-lo-hia elle feito de proposito? A dose basta para envenenar um regimento inteiro...

—O quê?! Como? exclamou Harry. E agarrou o mestre pelo braço.

—Um regimento inteiro, repetiu Holmes com a voz tremula.

«Se eu soubesse onde elle vae ficar... Quem vija tão despreocupadamente com tão perigoso veneno deve estimar um pouco a propria vida. E vão lá saber o que elle aqui pretende!

«Que planos terá? pois todo o seu proceder me parece altamente notavel.

—Mestre, não sei como decifrar este enigma, se é que ali não está algum crime ou alguma tentativa horrenda.

—E' provavel, meu rapaz, mas agora temos de estar sempre alerta, e quem sabe, talvez encontremos alguma pista.

CAPITULO II

Veneno!

N'um dos mais afamados restaurantes de Budapest e á hora de jantar no dia seguinte, estavam sentados a uma mesa tres officios do estado maior que tinham sido destacados para o serviço da cidade.

Entretinham-se na mais animada das conversações chalaceando por vezes e narrando anedoctas com que mais luzia a sua viva conversação, embora selhes pudesse censurar que, depois d'um lauto jantar no *casino* ainda aqui quizessem beber alguns calices de licor. E, não longe d'elles, junto d'uma pequena mesa redonda sentava-se um cavalheiro elegante aparentando estrangeiro distincto. Mas o seu rosto não attrahia: uma alta testa rematava fronte ampla e os olhos que se occultavam no fundo das orbitas moviam-se sem cessar e inquietos faiscavam em rapidos olhares para o emredor. O estrangeiro tinha seguido os officios passo a passo e mesmo entrando no café sentára-se o mais proximo possivel d'elles. A mão direita que lhe assentava na mesa sacudia incessante um lapis e além d'isso os seus movimentos eram de uma inquietude e de um nervosismo taes que se não armonisavam com a sua dura apparencia.

Mandou trazer um jornal e relanceou o attento; pelo menos assim parecia a quem momentaneamente o olhasse. Mas elle em verdade só escutava com sobreexcitado interesse a conversa dos officios visinhos, e por vezes elevavam-se os seus olhos faiscantes pela margem do jornal e fixavam expressivos os despreocupados amigos, mais lembrando os olhos d'um tigre ou até d'um animal rapace.

Mas ninguém a seu turno attentava n'elle. Por isso tambem ao levantar-se não pagou a conta, e, sahindo, ficou por alli perto como que esperando alguém.

Não muito depois, sahiram tambem do restaurante os tres officios companheiros. O extranho seguiu-lhes no escalço sem os perder de vista e assim os foi caudatando por varias ruas até que encurvando elles para uma silenciosa travessa desapareceeram n'uma esplendida casa. O espião deteve-se á quina e mesmo d'ali, olhando-os até á porta, fixou-lhe o numero e depois adeantou-se a perguntar ao porteiro por um dos officios de quem sabia o nome por inteiro. E pelo homeminho ponde colher que os tres officios moravam

n'aquella casa, ha algumas semanas, tinham alugado todo o primeiro andar, que eram do estado maior e tinham sido destacados para Budapestia em seis mezes.

O desconhecido retirou-se em seguida, a meditar, e meia hora decorrida, vinha apresentar-se a um dos officiaes.

—O senhor barão de Kriegelstein está? perguntou ao rapaz que lhe abria a porta. E disse o seu nome.

Dois minutos após, appareceu o proprio official e com amaveis termos convidou-o a que entrasse.

«—Eu sou Alexandre Milanovitsch, disse, apresentando-se, o servio.

E á reverencia do capitão proseguiu:

—Pois não se lembra de mim, senhor barão? Lembra-se com certeza! O senhor barão, ha tres annos esteve em Belgrado em commissão do estado maior para estudar a nova organisação militar...

—Ah! Alexandre Milanovitsch! Ora se me lembro! exclamou jubiloso o barão de Kriegelstein. Exactamente! E n'essa epocha foi o meu caro, o meu amavel mentor. Ora esta! Pois seja bem vindo a Budapest! Como tem passado agora?

A estas palavras convidou a sua visita a sentar-se, puxou uma cadeira para perto, e premindo um timbre chamou um creado. Mandou trazer uma garrafa de vinho e d'ahi a momentos e-los entretidos n'uma viva conversação.

Alexandre Milanovitsch começou-lhe então a contar que fizera as suas despedidas ao seu torrão e projectava uma viagem de descanso. O itinerario trazia-o a Budapest.

Tinha chegado na vespera e logo o vira com dois outras capitães, pois no mesmo instante o reconheceu! Seguiu-os, mas como estavam deveras entredito decerto o não tinham visto, de modo que quando deixaram o restaurante, elle tinha-os seguido, e assim os vira alli entrar e agora, depois de tão longo tempo de separação, o vinha saudar de novo.

—E' verdade, é, declarou o barão de Kriegelstein, nós estavamos verdadeiramente bem dispostos, muito entreditos na nossa tagarelice, de modo que é bem natural que não tivesse dado pela sua aproximação. De resto, acorescentou sorrindo, vou já apresentar-lhe os meus dois companheiros. Somos immensamente amigos e como moramos paredes meias, vemo-nos e falamo-nos a cada instante.

Chamou de novo o impedido e disse-lhe que pedisse aos outros senhores o favor de chegarem á sala por um momento.

E em seguida á apresentação todos retomaram a primitiva animação de modo que a conversação adquiriu um interesse crescente. A primeira garrafa succederam outras e quando o barão mandou vir cigarros

offereceu o visitante de maneira amavel a sua cigarreira para os tentar.

Nenhum dos officiaes, porém, reparou como rebrilhavam os olhos do servio, quando a cada um offereceu a cigarreira cheia, porque em verdade já estavam mais que regularmente entusiasmados. Já se tinham refrescado copiosamente de vinho ao jantar, e depois no restaurante mais tinham ainda alegrado a imaginação. E agora mesmo, para festejarem esta aparição da figura de Alexandre Milanovitsch, como estavam em sua casa, deixaram-se decididamente de escrúpulos para se inebriarem...

Por isso nenhum d'elles reparou que a cigarreira do visitante não estava vazia e que tão pouco elle provara o vinho.

Mas de repente alterou-se extranhamente o rosto dos tres capitães, cada qual tinha aceitado um cigarro da inexacta provisão do camarada servio, e após accesos, tinha-os desafiado Alexandre Milanovitsch a qual chegaria primeiro ao fim. E elle proprio punha n'essa empreza tal diligencia e ardor que com duas fumaças o cigarro se consumira totalmente. Gargalhadas acolheram o desafio e todos se deitaram á porta. Ergueram-se a um tempo e a um signal de Alexandre procuraram imitar o servio em diligencia. Apoiaram a mão esquerda á ilharga, a frente lançada para traz, o thorax saliente e lançaram, sorvendo os cigarros, enovelados rolos de fumo.

—Uma! Duas! Tres!

Alexandre Milanovitsch erguera-se tambem e déra o signal de começo alçando e deixando, depois, pender o braço.

Os tres officiaes seguiram-lhe os movimentos e exploravam cadenciadamente as suas fumaças. O servio ergueu pela quarta vez o braço e, simultaneo, um satânico sorriso se lhe desenrolou nos labios, de triumpho. E agora, agora...

Um afflictivo, estorotoroso grito ecoou alto, seis braços se ergueram angustiosos ao ar, e com um rouco gemido abateram os corpos dos tres capitães sobre as cadeiras. Os rostos estavam terrivelmente alterados, todos se contorciam, debatendo-se como n'um insupportavel martyrio. Espumantes os labios, tremulavam e suores frios banhavam-lhes as testas de camarinhas.

Mas Alexandre Milanovitsch nem se demoveu, continuou de pé, braços cruzados, olhando desdenhoso e ironico, os olhos faiscantes e demorados no horroroso quadro. Agora avançava silencioso, a não ser ouvido, para a porta, correu-lhe a chave e voltou para junto dos moribundos. Os agitados movimentos iam lhos enfraquecendo, abrandando, até que um trem ultimo, denunciou que a vida, insensivel, lhes

fugia sem remedio, e só estremecedores calafrios lhes corriam os corpos quasi hirtos, já gelados...

Alexandre Milanovitch continuava imperturbavel ante aquellas que succumbiam em luctas de morte e n'elle fixavam os olhos inteiricados, baços, desvairados. Parecia reparar n'elles indifferente, mas em verdade os seus olhos como que verumavam os rostos afflictivos, mas parecendo não comprehender, por não se apiedar dos horrorosos gestos dos moribundos. A cabeça do barão de Krieglstein ainda vivia em tremulos convulsivos, e então o servio collocou-se atraz do espaldar da cadeira sobre que aquelle alluira. Um soluço mortal ainda gemeu no silencio do quarto: foi o barão, cuja elegante estatura emfim, se anniquilava, em desalinho, e os braços lhe pendiam dos dois lados da cadeira.

A' direita o outro cavou a cabeça no peito, as mãos agarraram ainda n'um esforço derradeiro o casaco que elle quizera, em ancias, rasgar no peito, emquanto a outra victima, serena, escoregava, decomposta, do assento da cadeira para o chão e, com a cabeça torta, pendia para os pés de Alexandre Milanovitch que assim se deixou ficar, cynicamente, concedendo apenas ao cadaver um leve olhar de mofa, olhar demoniaco, terrivel...

A cabeça do capitão, que jazia agora sobre o assento da cadeira, sacudiu-se repentinamente umas duas ou tres vezes e cahiu logo, redondamente, no tapete, onde se quedou, eternamente immovel.

E assim um sepulchral silencio dominava agora n'este quarto que ainda ha pouco se enchia de vivos risos e sonoras gargalhadas e só o fumo azulado e frio dos cigarros, que se evolava em espiraes, leve, levisimo, subia aos reposteiros e sobre a mesa envolvia as garrafas que exhalavam arcmas alcoholicos.

No rosto do servio desenhava-se agora o intimo luctar entre paixões. Mordia os cantos da bocca, olhos ardentes, fisciavam como os de um alienado, as mãos, nervosas, contorciam-se-lhe inquietas e ora as apertava, ora as abria n'uma irritação visivel. Serenou por fim, olhou em redor demorada, attentamente, torneou a cabeça como se, em detalhe, quizesse estudar a physionomia de cada qual dos moribundos, avançou ao centro dos cadaveres, ficou-se uns instantes como lançando um ultimo olhar aos emmudecidos camaradas, abriu a porta e, chamando pelo creado, sahio do quarto cauteloso. Tirou do cabide o sobretudo, vestiu-o, e afastou-se logo da morada, pressuroso, sentindo após instantes a porta que o creado fechou com estrondo.

CAPITULO III

Crime ou suicidio?

Tinham-se passado dois dias. Sherlock Holmes com o seu inseparavel companheiro, correrá já a cidade em todas as direcções e em todos os hoteis conhecidos perguntara pelo Servio mas, o genial policia não descansou embora se encontrasse desprovido de qualquer ponto de referencia. E onde havia elle agora de procurar o servio? De mais não tinha a certeza se elle iria hospedar-se n'algum hotel pois a esta pergunta, durante a viagem, Milan Sergejevitch respondera confusa, evasivamente.

O nome não lhe soava bem, de modo que assim Sherlock Holmes estava unicamente entregue á sua phantasia, só poderia architectar conjecturas. Mas o acaso, como já em tantas outras identicas surpresas devia vir em auxilio do seu maravilhoso instincto.

De facto, iam elle e Harry, cansados e desgostosos de tanto trabalho em vão, a subir a escada do hotel para os seus quartos, quando na rua se originou um desusado movimento e a voz de um garoto de jornaes gritou com toda a força:

—«A' ultima hora! A' ultima hora! A' ultima hora! Um triplice assassinio ou suicidio! Um triplice assassinio ou suicidio! Um triplice assassinio ou suicidio! A' ultima hora!»

Sherlock Holmes e Harry, a estas palavras, voltaram-se rapidamente. Olharam-se sem dizer palavra, e em seguida, vagarosamente, Harry tornou a descer os degraus e chegou-se até ao rapaz do jornal, que estava já em frente do hotel, rodeado de multidão, para comprar tambem um exemplar.

Para voltar difficilmente abriu caminho entre todos e no hotel já Sherlock Holmes anciava por elle

Tirou-lhe o jornal da mão, passou-lhe a vista leve-mente e disse a Harry:

«Ora lê. E' preto no branco!»

Um triplice assassinio ou suicidio!

Tres capitães de estado-maior, que estavam destacados de serviço em Budapest appareceram mortos, hoje de tarde, de uma maneira mysteriosa em casa de um d'elles, pouco depois de jantar. Parece ter sido

um caso de envenenamento sem que se conheçam, todavia, os motivos da morte. Esta-se procedendo a um rigoroso exame.

Sem articular uma palavra Harry, que estremeceira entregou o jornal a Holmes e teve de apoiar-se ao corrimão da escada para não desfalecer; mas logo recobrou forças e seguiu o mestre que avançava já alguns passos.

Sherlock Holmes entrou rapido no quarto, metten as mãos nos bolsos e em passos agitados passeava de lado a lado. Harry não o importunou: bem sabia quanto irritaria Holmes, que em semelhantes momentos era absolutamente inacessivel.

Após longos e silenciosos minutos, Sherlock Holmes parou em frente do seu discipulo, puxou pelo relógio e disse:

—Arompta-te, Harry. Em meia hora temos de estar a caminho.

—Mas para onde, mestre? Já? Para...? e Harry ficou a olhar, parado, para Sherlock Holmes que começara, frenético, nervoso, o seu passeio pelo quarto.

—Nada de perguntas, meu caro Harry, não posso demorar-me mais. Anda, avia-te, que temos de partir já. Vamos para Budapest.

—Bem. Prompto! Como que despertando de um sonho acudiram estas palavras aos labios de Harry que com a habitual ligeireza foi dentro aromptar os poucos volumes que sempre traziam. Sherlock Holmes chamára entretanto o creado, mandou trazer a conta, e dentro de dez minutos sahiam ambos do hotel.

Metteram-se no primeiro comboio, e logo que se sentaram, o genial policia tirou da carteira uma folha de papel, pediu um lapis a Harry e poz-se a desenhá-lo. E em breve surgiram os contornos de uma figura de homem em traços rapidos, que Holmes com muita habilidade sabia lançar. Um quarto d' hora depois, durante o qual o seu discipulo o olhara admirado, levantou a folha de papel e perguntou a Harry:

—Quem é? Quem tem esta figura?

Harry fez incidir um demorado olhar na folha de papel, até que repentinamente um relampago de alegria lhe perpassou no rosto, exclamando logo com vivacidade:

—E' elle! O servo, mestre! E' Milan Sergejevitch! Parece desenhado em cima do proprio rosto! Perfeitissimo! Bastava vel-o uma vez para o reconhecer sem hesitação nesse desenho!

—Bello! bello! E' exactamente o que eu pretendo, meu querido Harry. E ouve: por inverosimil e mysterioso que pareça ao primeiro aspecto o envenenamento dos tres capitães, ponho as mãos no fogo em como o Servo tomou parte em tal.

—Isso podia lá ser? não! Isso é impossivel, é

increditavel, mestre! Milan Sergejevitch apeou-se animoso em Vienna e embora o não tenhamos encontrado, é inorivel que já tenha abalado e tanto mais que confessou não conhecer sequer Vienna.

—O caso é muito simples, meu rapaz. Milan Sergejevitch pouco depois de se despedir de nós deu por falta daquillo que achámos. Nem sei bem o que elle pretendia com o arsenico em Vienna, mas... Esperal! Agora me occorre: Lembras-te de como elle fallava desagradavelmente dos soldados austriacos? Grande odio alberga contra elles n'aquelle coração, de certo. Ora eu creio que o servo sahiu da patria já com o firme proposito de se vingar nos austriacos e tirar desforra de qualquer questão que desconheço. Pelo modo irritado que elle tinha, é isto para mim ponto de fé. Ora, ao dar pela falta do pó, de certo se lembrou da nossa companhia e é muito capaz de ter pensado que nós o encontramos e delle fomos fazer a entrega. E com a perda do arsenico ia-se-lhe a execução dos seus criminosos planos, pois aquelle era o seu meio de acção. Ora aqui tens: é isto mesmo. Sahiu de Vienna logo no dia seguinte de manhã e procurou melhor campo de operações.

—Mestre, planos são de phantasia.

—Porquê, Harry? Ora has de ver e concordar depois que mais uma vez tive razão.

Chegavam a Budapest. E mal tinham ultrapassado a estação ouviram novamente os vendedores de jornaes que gritaram.

«Outro envenenamento! O quarto caso de envenenamento! Novo envenenamento!»

Harry, com gesto apressado, arrancou das mãos do rapaz um exemplar e leu-o com febricitante attenção.

Holmes ficara por de traz delle e lia por cima do hombro do seu discipulo o jornal, mas nem uma palavra sequer disse ao terminar.

E foi Harry quem quebrou o silencio:

—Isto é verdadeiramente inaudito. Já o quarto envenenamento!

E outra vez um capitão de estado maior! Isto não é natural, pois não é verdade? concluiu voltando-se para o famoso policia. Mas já não o encontrou nas costas e olhando em torno de si em procura do mestre deu com os olhos nelle que estava á esquina preparando se para seguir n'um automovel. Harry adeantou-se, entrou tambem sentando-se logo ao lado de Holmes emquanto o auto, já em andamento, percorria a rua até parar em frente de uma grande e esplendida casa a cujo portal estavam de guarda dois policiaes. Os nossos conhecidos apearam-se e, emquanto Harry pagava, Holmes avançou para a porta que logo se abriu e Harry seguiu no do mestre encaço.

Em cima, no primeiro andar, estava aberto o ves-

tibulo e apenas os dois recém-chegados entraram na sala proxima, deparou-se-lhe um quadro extraordinario. Era este o proprio gabinete de trabalho dos officiaes que acabavam de morrer eahi mesmo estavam.

Funcionarios judiciaes dos mais graduados e militares de elevada patente rodeavam uma chaise-longue sobre a qual jazia, prostrado um homem, extremamente pallido. Um sujeito, visivelmente um medico, parecia empenhar os maiores esforços em salvar aquelle homem gravemente doente cujos olhos vitreos, sem brilho, se demoravam nos objectos proximos. Junto a uma secretaria sentava-se um escrivão, que ia tomando as declarações que lhe dictava um dos funcionarios judiciaes.

A inesperada appareição dos dois estranhos causou de momento, algum espanto, quo logo se converteu numa cerimonia saudação quando Sherlock Holmes se apresentou e o seu companheiro pedindo para tomar parte na investigação. Depois da auctoridade ter concedido o seu acceitamento e o commissario de policia, que assistira, ter elogiado os altos meritos do famoso policia, desembaraçar-se Sherlock Holmes do sobretudo e attentou minuciosamente ao interrogatorio. O doente, que estava prostrado na chaise longue era o impedido do official que tambem estava no quarto de cama ao lado como morto, porque tinham resultado inuteis todas as tentativas de o fazerem reanimar. Henrique, assim se chamava o impedido com custo respondia ao que o medico, embora muito cautellosamente, lhe perguntava. E até aqui tinha declarado o seguinte, que o escrivão foi assentando:

«Antes do meio dia, ahi pelas dez e meia horas, tinha batido á porta um sujeito de apparencia distincta, dizendo que queria fallar ao senhor capitão.

O estranho aparentava uma irreprehensivel expressão. Parecia ser um estrangeiro a quem a lingua allemã não era muito familiar, pois tinha sido necessario bastante tempo para se fazer estender junto do impedido. Logo que este poudo perceber que o vizitante desejava fallar pessoalmente ao patrão, declarou-lhe que este tinha saído em assumptos de serviço e perguntou-lhe se tinha de lhe entregar alguma coisa. O desconhecido disse que não, e pediu para esperar um pouco: talvez entretanto chegasse o patrão. E' foi dizendo ao creado que se achava simplesmente de passagem e pois com muito gosto desejava tornar a ver os seus antigos companheiros da escola. O impedido conduziu-o ao escriptorio de seu amo e deixou-o ahi sosinho; mas d'ahi a instantes o visitante tinha voltado cá fóra e dissera-lhe que não se podia demorar mais porque como tinha ainda a tratar um negocio urgente, e tinha que seguir no primeiro comboio, retirava-se já, e seguidamente deu-lhe um charuto e disse-lhe que fizesse os seus cumprimentos ao senhor

capitão. Pouco depois d'isto tinha chegado a casa n'uma disposição excellente o seu amo, e como elle lhe deu ordem que antes das duas horas não o fossem incomodar porque tinha encontrado um velho bom amigo com quem tinha estado, suppoz o creado que esse fosse o visitante da manhã e assim ambos tivessem ido reavivar com uma garrafa de vinho as suas recordações. O patrão em seguida tinha-se posto á vontade, mesmo á sua vista, na *chaise-longue*, fumara o seu charuto, que tirou d'uma charuteira, que estava em cima da secretaria, e tinha-lhe dito que d'ahi a duas horas o fosse acordar. Henrique foi d'ali para a cozinha tomar café muito bem disposto com Maria, a creada de quarto, e accendeu o charuto que lhe tinha offerecido o distincto visitante. Mas logo depois d'algumas fumaças entonteceu sem saber a que attribuir isto, e quando, apesar de tal, tentava proseguir, succumbira e cahira ali mesmo redundantemente. . .

O doente chegara a este ponto da sua narração quando os dois policiaes inglezes entraram no quarto. Feitos os cumprimentos, Sherlock Holmes deu uma vista d'olhos ao auto das declarações e meneou a cabeça após ter tomado conhecimento do conteudo. Aproximou-se do leito onde Henrique quasi succumbia a um desmaio, e perguntou-lhe quando elle voltou a si:

—Que apparencia tinha o estrangeiro? sabe o nome d'elle?

—Não, excellentissimo senhor, saíram estas palavras dos labios tremulos do paciente, não me lembro do nome d'elle.

«Devia ser um estrangeiro. . .

—Que figura tinha? insistiu Sherlock Holmes.

—Era um sujeito alto, elegante, tinha testa alta, olhos escuros e um bigode curto e negro,

—E' isso mesmo, exactamente, disse o famoso policia, e a estas palavras todos os assistentes olharam pasmados para elle. O medico ergueu-se e recuou alguns passos.

—E' isso mesmo, repetiu Sherlock Holmes, e Harry abanou a cabeça significativamente.

«Pois não é verdade Harry? Esbelto, testa comprida, olhos escuros, bigode negro. . .

—E como vestia o homem? Ora, dize-lhe, Harry, descreve-lhe o servio. E Harry, traço por traço, foi desenhando ao doente a figura do servio. Nada lhe esqueceu e ao dizer que o desconhecido tinha um olhar vivamente faiscante, e que ao fallar mordida os labios, Henrique endireitou-se a custo no leito, e olhando pasmado para o juvenil policia, só poudo dizer:

—E' elle proprio, senhor!

O commissario de policia pegou-lhe nas palavras, agarrou Harry Taxon pelo braço e perguntou-lhe, excitado:

—Onde soube o senhor isso? Onde soube isso? Querem ver que o senhor tem, tem...

—Decerto, senhor commissario, nós temos a certeza de conhecer o homem.

—De resto—Sherlock Kolmes apalpou a algibeira e tirou uma folha de papel. De resto, olhe para aqui, disse elle, batendo amigavelmente nos hombros do impedido. E erguendo o retrato a pouca distancia dos d'elle, insistiu:

—Conhece? Quem é este?

Henrique como que absorveu o olhar no retrato em indizível espanto e só a custo ponde murmurar:

—Sim, é elle.

—Certissimo! disse Holmes com gravidade. Reuendo ergueu a folha de papel na mão esquerda, alteou-a até onde todos ainda a vissem e apontando com o indicador da mão direita, exclamou:

—Ei-lo, mens senhores! E tenham paciencia: não demorará muito que o tenhamos na mão.

Crescentemente admirados, tinham todos ouvido o interrogatorio, mas quando o policia ergueu o retrato e declarou ser aquelle que á tarde visitára o capitão, então não se define o assomo de extraordinaria admiração, de verdadeiro pasmo de todos os circumstantes.

Meneando a cabeça, o commissario de policia pegou na folha de papel, voltou-se, depois de a contemplar, para Holmes e redarguiu:

—Mas como é possível, meu caro senhor, que já esteja da posse d'esse retrato e conheça tão rapidamente o auctor do crime, se nós que aqui comparecemos primeiro nem sequer aclarámos as circumstancias do caso? Estamos aqui verdadeiramente desorientados por este mysterio, temos quebrado a cabeça em conjecturas—e com uma reverencia para o famoso policia—agora, porém, lhe somos devedores de immensos agradecimentos. Embora o caso esteja já resolvido por Vossa Excellencia muito vos honraria se para qualquer diligencia utilisasse os nossos serviços. E logo que appareça o supposto criminoso contamos que a sua generosidade no lo entregue para que d'elle tomemos conta e assim procuremos evitar qualquer outra tentativa, que bem seria uma verdadeira catastrophe.

«Porque, como sabem, dirigiu-se o commissario de policia para os circumstantes, o exame medico que hontem mesmo se fez, denunciou, que foram mortos por envenenamento os tres capitães que decerto tinham ingerido uma forte dose de arsenico: ora este caso visivelmente se relaciona com aquelles em que mão extranha propinou tão perigoso e activo veneno.

«E não me restam duvidas, meus senhores; proseguiu, alteando a voz, que desde que encontramos o afamado e gloriosissimo policia que é Sherlock Holmes, tão genial auxilio á solução do nosso mysterioso

caso, fará que este se deslinde brevemente e assim o auctor do crime será preso e fatalmente punido, Sherlock Holmes, a quem irritavam sobremodo estes elogios, fez um gesto com a mão e inclinou-se ao fixarem se sobre elle todos os olhares.

—«E podem certificar-se, meus caros senhores, conვენham-se tão profundamente como eu n'este momento, de que os tres jovens, alegres e amicissimos capitães de estado maior não succumbiram como a principio se suppoz, a um accesso de pensamentos sombrios, mas sim só foram executados pela mão vingativa de um assassino. E brevemente se averiguará como e porquê emmudeceram para sempre essas tres testemunhas e victimas do tremendo drama...

—Apesar de tudo, tenho esperanças d'isso, declarou Sherlock Holmes, detendo assim a torrente rhetorica do commissario. Esforçar-me-hei por desvendar os motivos do caso, eo modo por-que os tres capitães passaram d'esta vida para a morte. Rogo me concedam um prazo de dois dias e plenos poderes e verão que pouco tempo depois entregarei o criminoso.

—Mas como pode, meu illustre collega, conseguir tal? Emfim, melhor do que eu decerto o sabe!

«Entretanto posso garantir-lhe que ordenarei lhe prestem todos os auxilios e serviços de que necessitar e de modo algum se intromettam ou o estorvem nas suas investigações.

—Agradecidissimo, senhor commissario; e voltando-se para os outros officiaes proseguiu o admiravel policia, e a Vossa Excellencia, Senhor Major, eu rogo tambem os mais amplos poderes.

—«Da melhor vontade! Era ao que eu já estava disposto. Pega: é o mesmo que ordenar, disse o major apertando a mão ao famoso policia.

—De momento não lhe posso declarar quaes sejam os meus planos: entretanto logo que seja finda a investigação, tomarei a liberdade de o procurar.

—Muito me penhora, Senhor Holmes. Desde já fico inteiramente ao seu dispor.

—Ora antes d'isso eu desejava assistir á autopsia d'esta quarta victima do assassino. Indica-se tambem como origem da morte o envenenamento por arsenico, posto sobre que não tenho absolutamente duvida nenhuma. E' verdade: Quem foi que descobriu o morto e como possivel prestarem-se socorros tão rapidos ao impedido?

Por ordem do commissario da policia chamaram á sala Maria, a creada de quarto, que lavada em lagrimas e a voz ainda entrecortada de soluços, narrou que apenas Henrique cahira ao lado d'ella na cozinha, tinha ido chamar o medico que morava no mesmo predio: este logo tinha comparecido e immediatamente fizera a lavagem do estomago ao doente.

O medico confirmou as declarações da creada.

Entretanto ella dirigira-se ao quarto de seu amo para lhe dar parte do repentino ataque do creado. Mas o senhor capitão de nenhuma das vezes que ella o chamára, tinha respondido embora estivesse mesmo a olhar para ella com os olhos parados e muito abertos. Assim que viu isto tinha chegado ao pé da chaise-longue e pegando nas mãos do capitão sentiu-as frias e retésas.

Então cahira redonda no chão, a gritar.

E nada mais podia dizer.

O medico completou a narração da creada, tremula ainda e excitada, contando que acudira a este grito, ao gabinete de trabalho, e ahí encontrára Maria prostrada no chão, sem sentidos, e na *chaise-longue* já regelado o corpo do capitão. Tentou reanimar este, todos os seus esforços foram baldados, pelo que se dedicou á creada e, com auxilio de vizinhos, a retirára do escriptorio. Fôra logo informar a policia voltando a occupar-se do doente que tanto e tanto enfraquecera, que só o salvaram heroicos esforços.

Um dos funcionarios judiciaes dictara, em voz baixa, palavra por palavra, estas declarações, ao escriptorio, e logo que o medico as deu por findas, encerrou-se o auto e todos sahiram, excepto um policia e o medico que ficou velando o doente.

Sherlock Holmes pediu lhe concedessem ver ainda o morto outra vez. Pé ante pé todos os presentes tinham entrado no quarto de cama onde o cadaver do capitão jazia sobre o leito com os olhos esgazeados e as feições totalmente transformadas. O notavel policia attentou demoradamente no rosto do morto, sem dizer palavra, abrangeu seguidamente o quarto n'um olhar, que a cada canto se fixava, mas nada notou que despertasse o seu interesse. E tal qual como á entrada agora pé ante pé todos sahiram e voltaram ao gabinete de trabalho.

Aqui tambem o policia demorou a sua attenção minuciosissima, avançando ainda uma vez para o medico e perguntou-lhe:

—Diga-me senhor doutor, qual é o seu diagnostico quanto ao creado?

Holmes passou em seguida a mão pelo doente que com os olhos baços e as mãos frias jazia na chaise-longue.

O medico encolheu os hombros.

—Infelizmente não posso por enquanto resolver-me. O doente está tão fraco que não lhe posso fazer a menor pergunta; nem me foi possível aproveitar o que Henrique lançou fóra. Agora os signaes apresentados inclinam-me a crer que tenha sido um envenenamento. De qualquer modo preveni todas as hypoteses e espero—n'esta altura viu que Sherlock Holmes alterára o rosto—lívrrar o doente de perigo.

Holmes ouviu-o attento e seguidamente estendeu-lhe a mão, a despedir-se.

E já na escada seguido dos outros cavalheiros voltou ainda outra vez ao quarto foi á secretaria e pegou na cigarreira do capitão, que estava em cima d'ella.

O commissario de policia que ainda estava no quarto e dava instrucções aos guardas para conduzirem o morto para o «morgue» olhou para o que fazia Sherlock Holmes. E tão altamente admirado ficou que consentiu tal subindo de ponto o seu pismo quando o ardiloso policia já na escada lhe restituiu a cigarreira pedindo que lhe cedesse só os cigarros que ella continha para os mandar analysar por um perito chimico.

O commissario abanou a cabeça acquiescendo; e já quando todos se despediam á sahida de casa ainda o major affirmou a Sherlock Holmes a sua boa vontade para o auxiliar em tudo quanto lhe fosse necessario para aclarar este mysterioso caso, convidando-o de seguida para assistir, na manhã seguinte, á autopsia do cadaver.

Sherlock Holmes prometteu comparecer e separou-se com Harry Taxon.

Mas o commissario mais uma vez se voltou para o glorioso policia e disse:

—Diga-me, meu precioso collega, como consegue as suas descobertas? E como conseguiu, particularmente, fazer luz n'este caso tão toldado de trevas?

—E' o meu segredo! disse Sherlock Holmes rindo-se.

E saudou-o com o chapau.

—Até á vista, senhor commissario!

E deixou-o admiradissimo. Seguindo com Harry, vagarosamente, cortou para o outro passeio e no primeiro hotel tomou dois quartos.

CAPTULO IV

A autopsia

Pelas nove horas da manhã seguinte, Sherlock Holmes dirigiu-se á «morgue» para assistir á autopsia do quarto dos capitães que se suspeitavam mortos por envenenamento.

Harry Taxon sahio do hotel com elle e, aproveitando os affazeres do mestre, decidiu-se a passear por Budapest e, é tambem de confessar, fê lo esperando na idéa de que podesse descobrir o Servio, e seguindo-o, sem ser d'elle notado, ver onde se alojava o seu espiado.

Ao entrar na «morgue» o afamado policia foi immediatamente conduzido á sala das autopsias onde já estavam o delegado, o commissario de policia, dois membros do conselho medico-legal, dois peritos chimicos com botas brancas, junto da mesa um escrivão, e ao lado um medico novo que fóra só para assistir.

Sobre a placa de marmore da mesa das operações, que estava ao longo d'uma larga janella, jazia sob toalhas de linho branco um cadaver. Os engredientes para a analyse organica estavam sobre uma segunda mesa parallela a esta.

N'um grande armario de vidro encostado á parede estavam os instrumentos que rebrilhando faiscavam á luz do sol.

Ao lado do armario estava uma pratelleira com grandes garrafas e sobre uma mesinha ao lado ainda havia baldes de porcellana e pratos.

Ao entrar, o famoso policia cumprimentou levemente os circumstantes. Atravez as altas janellas da longa sala a luz jorrava sobre as paredes que brilhavam.

E logo o mais velho dos dois medicos abriu o tilintante estejo dos seus instrumentos ao tempo que o chimico punha em ordem a sua mesa, e o mais joven dos cirurgiões desembaraçava o cadaver dos pannos.

Adormecido, com os olhos abertos e fitos no tecto o corpo n'ú do morto, ei-lo agora ante todos. Os funcionarios judiciaes, o commissario de policia e Sherlock Holmes arredaram-se um tanto para junto da janella, d'onde olhavam para o jardim fronteiro, e accenderam o seu charuto.

Começaram então os córtes. E aquelle profundo silencio só de vezes o interrompia o sereno, compassado tintinar dos instrumentos. Curvados sobre o cadaver autopsiavam silenciosos, cosoante as disposições da lei, a fim de descobrirem a causa da morte segundo o mais aperfeiçoado meio da sciencia medica—a autopsia.

Depois de um bom quarto d'hora deu-se por findo o trabalho. O mais velho dos medicos começou a diktar ao escrivão. O juiz e o delegado avançaram então para a mesa da autopsia a tomarem em devida attenção ás declarações do cirurgião e assim reconhecerem se da autopsia haviam resultado quaesquer conclusões definitivas.

Na mesa do chimico já estava devidamente aberto e preparado o estomago. Uma serie de frascos reagentes occupava-lhe o interior e alguns tubos longos continham pedaços de estomago. Iniciou-se então a analyse.

O commissario de policia e Sherlock Holmes aproximaram-se e foram seguindo com raro interesse todas as phases do exame, mas a primeira serie de

reagentes não deu resultado algum. Experimentaram-se successivos preparados. Invertem-se um frasco de duas tubuladuras sobre um outro com pedaços de zinco e agua. O chimico cautelosamente foi deitando algumas gottas de acido sulfurico através da maio das duas tubuladuras e murmureante sahio peja abertura da outra uma corrente de hydrogenio que se illuminou logo em chamma esguia quando o chimico approximou d'ella um phosphoro acceso. Em seguida tomou uma placa de porcellana e retev-a por algum tempo na chamma.

A chapa não soffreu alteração e a chamma apagou-se. O chimico introduziu então um pedaço do estomago na garrafa e emquanto com uma das mãos ia lançando gottas de acido sulfurico no vaso, com a outra approximava um phosphoro acceso da tubuladura livre. Logo, outra vez, se tornou visivel a chamma azul-pallida. O chimico do novo ergueu a placa de marmore até á chamma fusilada: todos os assistentes tinham os olhos presos na placa á espera que ella se alterasse. Mas tal não succedeu.

Continuava chamma de jasje como outr'ora. O analysta e os medicos entreolharam-se meneando a cabeça. E estes avançaram para a mesa das autopsias e emquanto o chimico ia buscar novos preparados, abriram o tronco do cadaver.

Sherlock Holmes, que ficara proximo, apontou para os pulmões, pelo que os medicos se admiraram, mas começaram de preparal-os e passaram-nos depois ao chimico que lhes fez uma secção e successivamente as mesmas operações que já fizera para o estomago. E como reparou que Sherlock Holmes lhe seguia os menores movimentos, voltou-se para elle e disse-se-lhe:

—E cre n'um envenenamento pela nicotina? Nesse caso estamos chegados ao fim dos nossos trabalhos.

—A nicotina pertence ao grupo dos venenos cuja introdução no corpo em geral nunca mais se manifesta e foge, escapa assim ao mais minucioso, ao mais delicado dos exames. Isto não quer dizer todavia que se não possa fazer uma analyse da nicotina.

«Mas o methodo mais geralmente empregado naufraga e a maior parte das vezes pela circustancia de que a nicotina se não deixa arrastar pelos outros preparados quando é propinada de uma só vez no corpo. E ao mesmo tempo que pronuncia estas palavras o chimico chegou de novo o phosphoro ao hydrogenio que descia do tubo, erguendo depois até á chamma a placa de porcellana. E agora, talvez mais ansiosamente, de novo se fixaram todos os olhares sobre a placa, que foi attingida pela luz. E lentamente começou de enegrecer-se...

Foi como se o morto fallasse.

E ao apagar-se a chamma o negrume da placa adquiriu o brilho pulido de um epelho.

—Envenenado com arsenico! murmuraram os labios do chimico automaticamente.

Não era novidade para os assistentes: todos sabiam o que significava aquelle pulido exbrilhante negro sobre a placa de porcellana, e assim ficavam firmes de que o mesmo valia que se o morto podesse gritar:

—Fui envenenado com arsenico!

O exame findára; e apoz o cirurgião ter dictado ao escrivão as ultimas conclusões, todos os assistentes excepto Holmes, subscreveram o relatorio despedindo-se em seguida.

O cadaver agora de novo ficava só, e o grande justiceiro que se encarnava em Sherlock Holmes lançou mãos ao seu trabalho. Mentalmente fez um resumo de todas as suas hypotheses e confirmações. Até aqui todas as suas conjecturas se tinham effectuado. A cadeia das provas começava a deslindar-se, anel por anel. Já sabia, com irrefragavel certeza quem era o assassino, pois para mais absoluta certeza o commissario de policia segredara-lhe antes ainda de começar a autopsia que todos os charutos que elle lhe entregára para serem examinados, tinham accusado, por meio de analyse chimica, a existencia de uma tal dose de arsenico que bem bastaria para em poucas horas, fazer morrer um homem entre horrosos martyrios só pelo prazer do fumo.

Holmes, dominado ainda e fundamentalmente commovido por tal, foi andando vagarosamente até ao hotel.

Na sua vida tão povoada de aventuras e perigos, tanta vez foi defrontar com adversarios admiraveis! Mas em face da tragedia atroz que derivava como que da bocca do proprio morto, sentiu calefrios a percorrerem-no, a intimidarem-no quasi.

V

O encontro

Emquanto Sherlock Holmes se demorava na *morce* assistindo á autopsia, Harry distribuira o seu tempo em passeios pela cidade. E ou agora se admirava das modernas, luxuosas ruas ou attentava notando os esplendidos palacios e estabelecimentos ricos, verdadeiramente bem montados.

Na ideia de voltar depois para o hotel passava demoradamente as ruas, e ora parava admirando as movimentadas praças ora as elegantes carruagens que passavam até que o olhar se lhe prendeu uma luxuosa vitrine. Agora, proseguindo a sua re-

placidamente e parando, choca-se com Harry que, de vista demorava-lhe a attenção nos bem talhados e vistosos uniformes das policias impressionando-o tambem a amavel deferencia delles para com o publico.

E isto trazia lhe em contraste os policias da capital allemã. No seu espirito, comparando-os, certo a preferencia recahiria sobre os primeiros.

De mais a mais Harry tivéra occasião em Berlim de, tristemente o reconhecer, e até uma vez só o apparecimento de Sherlock Holmes livrou da prisão um homensinho que em vista da desrespeitosa e verdadeiramente inaudita attitude de um policia lhe pregára in continenti uma sóva em frente de muito povo que se amotinára.

Entretanto ia agora a passar por um armoeiro. Com ar de quem sabia apreciar os artigos expostos ia a preseguir quando ao olhar para a vitrine viu que um sujeito atravessava a rua mesmo em direitura a elle. A principio quiz convencer-se de que os seus olhos o ludibriavam enganosamente, que outra pessoa seria; mas não! nada se lhe alterara na imagem que crescia para elle, alcançara já o passeio em que Harry estava como que pregado, e agora, voltando-se repentinamente para a direita detivera-se junto á vitrine proxima. Harry teve que apoiar-se á montra ante o seu pasmo. Tremiam-lhe os olhos, pois agora, sem sombra de illusão, o podia observar minuciosos; e re conheceu na rebelta figura do apparecido nada menos que o servio Milan Sergejevitch.

Agora já não era ficita qualquer duvida, não. Harry tel-o-hia reconhecido entre mil. Só mudára de fato: quanto ao mais era o mesmo, o mesmissimo, no porte, na expressão, nos movimentos. Harry rejubilou-se então por este admiravel encontro e de logo resolveu pistonar o servio sem descanso. Mas isto era mais facil de pensar-se que de effectuar, porque Milan não se demovia da vitrine, permanecia meio-voltado para elle e quasi dirigindo os seus olhares para a montra proxima a que Harry se apoiava. Esta situação não podia prolongar-se. E assim Harry imaginou, do modo que podesse impellir Milan a continuar o seu caminho, ainda mesmo que se visse forçado a dar-se por conhecido: mas precisamente ness'altura Milan Sergejevitch, avançando para elle, tão proximo passava que o roçou de leve.

E os seus olhos ardiam num incendio fogo que mais temeroso lhe tornava o rosto esqualido. Harry nem sequer se mexeu ao ser roçado, resolvido como estava a observar, sem ser notado, minuciosamente o servio.

Voltou-se até para o lado opposto e logo atravessou a rua a passos largos. Mas quando suppunha que o servio já o devia ter perdido de visto, torna-se este repentinamente e parando, choca-se com Harry que, de

suprehendido, e afflicto nem teve animo de proferir a mais breve palavra, tirou o chapeo em ar de desculpa e tentou seguir apressado. Mas o antigo companheiro de viagem deteve-o pelo braço, fel-o parar, e fixando-o com os olhos chamejantes, perguntou-lhe sorrindo:

—«Senhor, Senhor... emfim! senhor negociante allemão, então nós não nos conhecemos tão bem?»

Estas palavras feriram Harry como se um chicote o fustigára; já não podia livrar-se do servio; e, para evitar escandalo, fingiu-se ingenuamente admirado e depois, como se repentinamente lhe tivesse acudido a lembrança do seu conhecimento de viagem, estendendo a mão a Milan Sergejevitch, disse cortezmente:

—Ah! bons dias. Ora por amor de Deus! Desculpe-me se o não conheci immediatamente. E tem graça encontrarmo-nos agora outra vez em Budapest.

«Mas está em Vienna, não é verdade?»

—Não, não.—apressou-se o servio a declarar e como que um arripio de terror percorreu-o—não, Vienna não. O mesmo que n'outro dia, . . . murmurou contorendo as mãos como quem se irrita da pergunta.

—Então! Então! acudiu admirado Harry a quem a presença do antipathico estrangeiro era de momento para momento mais irritante.

—E Vossa Excellencia, senhor, senhor, . . . despertou repentino o servio, conseguindo dominar-se. Harry sentiu-se subjugado pelo olhar do outro que chispava, mas não levantou a cabeça e só disse, simulando indifferente serenidade:

—Eu? Eu divirto-me — e uma idéa, um estratagemma relampejou-lhe no cerebro, instantaneo, estratagemma que conglobou nestas palavras, continuando—Agora estou sózinho, Estou cá só.

«Meu tio recebeu um telegramma que o chamava com urgencia a Berlim. E' claro que partiu immediatamente e dentro de alguns dias irei encontrar-me com elle se. . .

—Se. . . ? repetiu promptamente o servio; e na sua voz desenhou-se uma entonação de tão dominante interesse, curiosidade tão apaixonada, que fez tremer Harry, que só concluiu:

—Se não me agrada demorar-me mais e estas palavras mesmo com custo as proferiu o juvenil policia. O servio continuava a sorrir-se, altivamente, e por fim, mostrando os dentes, aos labios acudiu-lhe um riso em que havia tanto de malicia como de perversidade. Tomou o braço de Harry e disse-lhe em voz que não admittia contradicções:

—Temos muito tempo! Muito tempo! Onde havemos de nós ir agora? Para que lado? e apontava com a estreita mão enluvada para a frente e para traz, olhando provocante para Harry.

—Agora de boa vontade dormiria umsonno, disse Harry cuja perplexidade só encontrou esta mentira para se desembaraçar do Servio e ir immediatamente narrar este encontro a Sherlock Holmes que com certeza já ha muito estaria a sua espera. Mas Milan não o largou e pareceu extraordinariamente irritado e desconfiante. Olhou para Harry, que neste olhar recebeu como uma vergastada, sorrindo ironico e tomando-lhe o braço disse:

—Vamos lá!

Harry, seguindo-o automaticamente, deixou-se arrastar por varias ruas da cidade e só estranhou que o passeio se demorasse mais do que contava. Por fim o servio parou em frente de um grande café e apontando para a porta de que se foi aproximando, disse:

—Pedemos ficar aqui.

Harry seguiu-o. Sentaram-se á porta em logares d'onde se podia ver perfeitamente o que se passava na rua. Milan Sergejevitch pediu cafés e bolos enquanto Harry o observava sem descanço.

Veio o creado, Harry pegou n'uma chavena, pol-a em frente de si e pareceu não se preocupar com mais. Mas ao mesmo tempo estava notando como o servio contorcia as mãos abrindo-as e fanchand-as com irritada inquietação, e no mesmo momento notou que Milan mordida os labios. Curioso com esta observação continuou a examinar. O servio parecia ter-se esquecido da sua presença, porque os seus olhos fixavam-se sem descanço n'um official do estado maior que atravessava a rua em direcção ao café. As orbitas pareciam pequenas para os conter, e ao mesmo tempo o rosto desenhou-se uma expressão tremenda. Harry, que seguia o olhar de Milan, avistou tambem o official, logo percebeu o motivo porque a phisionomia do seu companheiro se alterara tão immediata e profundamente, e teve de socorrer-se de todas as forças para dominar a sua excitação. No mesmo instante passava em frente o official de estado maior. Harry, que tinha percebido todo, o caso procurou desviar o servio do local; mas este nem sequer respondeu ao seu convite, de modo que Harry não podia perceber a sizuidez de Milan, nem lhe era possível approximar-se dos seus pensamentos. Decorridos dez minutos em que Milan se encontrava na sua reflexão ergueu vagorosamente a cadeira para Harry e com aquelle sorriso que perfurava disse muito sereno.

—Conhece algumas moradas em Budapest?

Harry, que estava comendo um bolo, abanou negativamente a cabeça. Então o servio bateu com a colher na chavena para vir um creado e pediu lhe um annuario. O joven policia estava como sobre brazas, ardia-lhe o chão sobre os pés, e tinha forçosamente que arranjar um pretexto para se sahir daquella situação, e libertar-se assim do tão desagradavel com-

panheiro que, com propositado vagar, tomava o annuario e parecia procurar, zeloso, qualquer informação. Isto aguçou a curiosidade de Harry. Milan Sergejeitsch pegou n'uma folhinha de papel que tirou da carteira, e pedindo um lapis a Harry começou a escrever meneando por vezes a cabeça. Eram tudo nomes nobres o que o servio tirava do annuario e, o que afflictivamente admirou Harry, pertenciam a maior parte d'elles ao exercito e tudo eram officiaes de patente superior a capitão. Ao notar tal, um calefrio saadiu o juvenil mas já audaz policia.

E agora, mais ainda, a companhia deste homem tornava-se-lhe crescentemente insupportavel. Por isso reagiu com força, levantou-se como se qualquer mola o propellira, tomou resolutio o chapeo e o sobretudo, estendeu a mão, enfim, a Milan Sergejeitsch que como despertou de um sonho ao ve-lo erguido, na sua frente. Abaixou desconsoladamente a cabeça, levantou-se, de seguida, vagaroso, fechou o annuario, pediu ao creado que estava proximo o seu casaco, foi dentro pagar a conta e tomou de novo o braço do seu amigo e afastaram-se ambos do local.

Harry só respirou aliviadamente quando se viu na rua. E agora, por todos os meios procurava desembaraçar-se de Milan.

Depois de darem algumas voltas para cá e para lá, o servio deixou-o, enfim, livre, não sem combinar, comtudo, para o dia seguinte um encontro no café.

E, apertando-se as mãos, saudaram-se em despedida...

Harry escolheu então por tactica não olhar em roda de si, e antes só, pela vidraça das montras, quando passava, a ver se o servio o seguia. E não errou nas suas conjecturas: Milan Sergejeitsch seguia-o como se fosse a sua propria sombra. Mas que pretenderia este homem terrivel com isso? perguntou-se Harry; e não encontrou razão sufficiente. Só se elle tambem trabalhava contra a sua vida, ou então, ou então...

Harry sentia accorrer-lhe ás fontes, quentissimo, todo o sangue... ou então Milan Sergejeitsch era um louco. Louco! E esta palavra retumbava-lhe, com um echo terrivel, aos ouvidos. Viu-se horrorizado, temeu que alguém o visse assim afflictio, mas não, ninguém reparava n'elle, todavia sentiu-se repentinamente seguro por mãos ferreas, voltou-se e cabiu nos braços de...

Um grito selvatico lhe brotou do intimo do peito e, com um salto, afirou-se para um automovel que ali estava, ao lado d'elle, vazio. Ao *chaffeur*, admiradissimo d'aquelle seu inesperado freguez, gritou Harry tão apressadamente a direcção do hotel que elle seguiu verdadeiramente abysmado. O joven policia

estendeu-se depois no almofadado assento, enquanto aos seus ouvidos, por entre as ruas, lhe parecia silvar ainda um agudo riso de mófa.

Holmes nem ponde a principio, de admirado, perguntar-lhe palavra até que, um quarto d'hora depois, chegaram ao hotel levando Harry inteiramente desfigurada de pavor a physionomia. Guiou-o para a cadeira mais proxima em que Harry se sentou sem pronunciar uma unica palavra.

Holmes estava agora em frente do seu discipulo, olhava-o com attenção, e depois de lhe tomar o pulso, afastou-se abanando a cabeça, pois n'um agudo olhar adivinhara a extraordinaria excitação de que Harry estava dominado. Esperou sereno mais meia hora até que o seu joven amigo, já mais tranquillo, podesse fallar e responder ás suas perguntas. Holmes foi-o escutando interessadamente e nem sequer o interrompia para o não fatigar, mas ao concluir a sua narrativa, depois de tomar um fortificante que Holmes mandára trazer, teve ainda de referir alguns pormenores e assim o genial policia ficou circunstanciadamente informado de tudo o que se passára. E ficou verdadeiramente impressionado, pois na sua tão longa experiencia nunca encontrára um caso semelhante.

Que o servio era o assassino dos quatro officiaes tinha Sherlock Holmes isso por seguramente firme mas o que não podera explicar era como elle tão facilmente se podera relacionar com elles. Mas agora, com este ultimo caso, o problema ia-se deslindando: o servio aproveitando-se dos poucos minutos que ficára sósinho no escriptorio do capitão substituiu os charutos da charuteira que estava sobre a secretaria, pelos seus que estavam envenenados. Ou, se é que o capitão costumava trazer consigo a charuteira, talvez se tivesse então encontrado com elle na rua e conseguido oportunidade de fazer a troca dos charutos, preparando assim a armadilha em que o capitão tão cegamente se deixára prender.

Mas quem atinaria com semelhante idéa? Astuto, supinamente ardiloso devia-o ser Milan pelo que Harry acabava de lhe referir. Astuto e quasi desvairadamente audacioso, adivinhou-o Sherlock Holmes, ou então... e o arrojado policia apavorou se subitamente sentindo calafrios... ou então aquelle homem era realmente um louco!

—Louco! E como a certificar-se pronunciou alto esta palavra, voltando-se para o seu inseparavel.

«Anda cá, querido Harry. Olha: vai deitar-te, disse, e poz-lhe os braços por sobre os hombros, amparando-o. Este encontro d'hoje indispoz-te. Precisas de acalmar os nervos. Fico ao pé de ti e então amanhã.»

Harry olhou-o como que a interrogal-o. Tremiam-lhe os dentes e um suor frio banhava-lhe o corpo.

«...A manhã—reprimiu-se Sherlock Holmes—irei então chamar um medico, se nada succeder hoje de maior. E agora, meu rapaz, disse lhe rindo, vê lá não me adoeças! Harry foi-se despindo emquanto Holmes, sollicito, aproximava uma mezinha da cama d'elle, punha o «abât-jour» no candieiro, envolvendo o seu discipulo na sombra, e findo isto começou a escrever. A respiração de Harry ao fim de uma hora já se regularisava, ia calmando e assim tinha elle adormecido. Algumas vezes ainda se estorcia como que lembrando o extraordinario pavor e então soltava gemidos e gritos afflictivos. Por isso Holmes se deixou ficar por muito tempo vigilante no quarto ao lado e meditando nestes acontecimentos.

Era a primeira vez que o seu fidelissimo e introvido Harry succumbia de tal modo. Mas bem avaliadas as circumstancias do caso e a attitude do servio (pela descripção de Harry), o famoso policia concordou sensatamente que embora Harry tão costumado estivesse já a todos as provações, n'esta certo teria de capitular, tanto mais que a originara essa creatura extraordinaria e mysteriosamente terrivel que era Milan Sergejevitich. No dia seguinte, se o estado de Harry o permitisse, o servio ficaria completamente tolhido de movimentos e de facto não poderia mais approximar-se dos officiaes da guarnição, que eram objecto da sua attenção, porque estes já d'isso tinham sido previamente avisados pela auctoridade superior por diligencias de Scherlock Holmes, e assim agora se mantinham desconfiados na presença de qualquer extranho.

Espalhára-se o boato do suicidio dos quatro officiaes e deixavam-no correr só para que, sem mais curiosidades, pudessem examinar o caso mais detidamente e nas razões intimas, de modo que assim, depois destas prevenções, não era para temer alguma nova e fatal surpreza.

Segure por este lado e com os seus planos já talhados, Scherlock Holmes na infallivel resolução de aniquilar para sempre o consummado criminoso, adormeceu serenamente até renascer a manhã seguinte...

CAPITULO VI.

Na gaiola dos macacos

Eram nove horas da manhã quando Holmes accordou do seu tranquillo repousar. Espreguiçou-se com prazer e esteve a recordar-se do dia anterior e de todos os seus successos, findo o que se levantou e vestiu com ligeireza, encontrando Harry já sentado á mesa a ler os jornaes, não denotando vestigios alguns

da extrema fadiga da vespera, o que muito e verdadeiramente alegrou Holmes. Depois de terem tomado o café, o genial policia entrou de dispor o seu plano para esse dia. Resolveu que Harry comparecesse ao encontro marcado na vespera pelo servio, dando assim ensejo a que Holmes o seguisse disfarçado em velho para se apoderar, no momento opportuno, do criminoso. Harry devia tambem aquiescer a todos os desejos e opiniões de Milan Sergejevitich, pois o ardiloso policia conjecturava que alem do servio haveria outras pessoas vigilantes, os seus mandatarios que lhe tivessem encarregado o mysterioso assassinato.

—Talvez, nos surta bom exito, disse Holmes emquanto vestia o sobretudo, matar dois coelhos d'uma cajadada... Ainda te demoras Harry?

—E' um instante, mestre! Harry vestiu tambem o seu sobretudo, guardou um revolver que tinha estado antes a limpar e seguiu com Holmes.

A' porta do hotel separaram-se sem se terem cumprimentado. O maravilhoso policia disfarçou-se em velho, de longas barbas brancas e uns oculos de ouro que não permitiam reconhecê-lo. Andava vagarosamente, apoiado a uma bengala e ao passarpas nas ruas affectava não se importar com cousa alguma que o cercava. Mas em verdade não se desfiava de Harry que ia, ao acaso dez passos deante d'elle, de olhar presto e vigilante e atrahindo sobre si geraes attenção. Ha um bom quarto de hora que assim caminhavam sem terem denotado qualquer coisa de extraordinario, quando Harry parou repentinamente junto a uma montra a olhar para os objectos em exposição. Holmes não sabendo a que attribuir esta subita delongia passou como que desinteressadamente pelo seu discipulo e depois simulando recordar-se de momento voltava-se e parava tambem junto á vitrine. Só isto se passara quando do lado fronteiro um sujeito e uma senhora, em elegantissima toilette de passeio, passaram ao lado de Holmes e Harry. Este não se illudira no seu estratagemas: o esbelto cavalheiro era nada mais nada menos que Milan Sergejevitich.

Harry trocou um signal de intelligencia com o mestre que separando-se, seguiu o par e só quando Holmes estaria ahí a trinta passos d'elle mettu tambem a caminho para n'um caso extremo o socorrer. Milan e a sua companheira iam—reconhecem o logo Sherlock Holmes—absorvidos em intima conversa. Porque se voltou ella, n'um momento, gostaria Holmes de o saber; mas não desejando fazer nascer alguma suspeita ou desconfiar o servio, deixou de seguir o par que dobrando agora para um largo onde se elevava um circo, ahí desapareciam por uma das portas que pertenciam ás dependencias do circo, e assim fugiram ás pesquisas e espionagem do astuto policia. Reflectiu um instante: e seguidamente fez um

signal a Harry e ambos se dirigiram ao gabinete do empregario onde solicitaram que, como andavam visitando o estrangeiro, lhes permittisse ver as estrebarias do circo. O empregario accedeu amavelmente aos seus desejos e chamando um empregado ordenou-lhe que acompanhasse aquelles senhores e lhes mostrasse todo o circo. E então por este souberam Holmes e Harry que já ha alguns dias tinha chegado uma domadora de leões que tencionava exhibir-se na semana que vinha, de modo que todas as tardes havia agora ensaio a que os senhores visitantes, se quizessem poderiam assistir de um camarote. Era o que Holmes desejava. Entrou com Harry nas estrebarias foi tomando em tudo detalhada attenção e d'ahi os guiou o empregado a um lugar donde viam perfeitamente tudo o que se passava nas jaulas sem comtudo serem vistos.

E ficou verdadeiramente admirado ao reconhecer na domadora a mulher que elle vira acompanhada de Milan Sergejevitch: só mudara de fato e agora rodeada de doze formidaveis leões, brandia activamente um chicote. Quem não conseguiram ver foi o servio. Mas quando Sherlock Holmes perguntou ao cicrone occasional quem era o cavalheiro que tinha acompanhado aquella senhora ao circo, o homem teve um sorriso intencional e disse;

—Posso mostrar-l'ho, senhor. . .

Os dois inglezes foram seguindo o seu guia para o canto da sala, e chegados alli elle chamou-os a uma janella aberta na parede. Harry e Holmes apoz breves instantes recuaram lançando um grito da mais subita admiração. A janella dava para uma sala em cuja parede fronteira se collavam dois espelhos, e dentro d'ella estavam seguramente uns vinte macacos de todas as raças e feitios fazendo cereo a Milan Sergejevitch, geralmente de rojo no chão como elles, camaradando. . .

Os bichos pareciam conhece-lo de ha muito; deixavam-se afagar: dois sentavam-se-lhe no collo trincando nozes, um terceiro sapateava-o com a bengala emquanto um outro, com comica sinuez, lhe examinava o chapeo com circumspecção. . .

O servio parecia recrear-se jubilosamente nos engraçados pulos e attitudes dos seus companheiros simianos e tão embebido estava no contemplar dos animaes que nem de leve erguia os olhos para os tres observadores do curiosissimo scenario.

Holmes, de admirado, nem palavra proferiu. Harry, olhando emmudecido o mestre, como que esperava d'elle a primeira observação, e só o cicrone a quem o silencio dos seus dois recommendados causava riso interrompeu esta mudez, e apontando para o estrangeiro na gaiola dos macacos disse em voz baixa:

—E' um sujeito excêntrico, não acham? Eu com

franqueza não percebo que interesse acha elle n'aquelles bichos.

Holmes abanou a cabeça como quem não percebe tambem.

—Vem cá todos os dias, continuou o empregado do circo, sempre á mesma hora e acompanhando a domadora. . . e aqui, suspendendo se e apontando de novo para a jaula, disse interessadamente:

—Ora reparem, como elle os vae engodar.

Milan Sergejevitch que de novo acariciava os macacos aninhados em torno d'elle chamava alguns pelo nome, e tinha agora tirado da algeibra de dentro do casaco uma caixa pequena e de côr clara. E ao ergue-la na mão de equal se ergueu um grito selvagem, um guinchar aguerrido e colérico dos macacos que se atropelavam a qual ficaria mais proximo do objecto em disputa. Assim uns marinhavam-lhe pelas costas e baseavam-se, com desplante, na cabeça do servio que, sacudidamente a abanára, saltando os empoleirados sobre os outros em meio de ensurdecedora guincharia. E os combates renovavam-se entre os que a cabeça do servio precipitára e os que, afastando esses, se lhes queriam antepor e alcançar a caixa, tão excitados ás vezes, que Milan esteve em riscos de ser arranhado e ferido pelos seus desafiados.

Mas esta grita selvatica parecia ser-lhe curioso e alegre passatempo porque ria alto e abertamente como nunca Sherlock Holmes e Harry suppperam capaz uma creatura tão reservada e mysteriosa.

Agora mais alto ainda elevava a caixa: o motim exaltou-se e Milan puchando da bengala sacudi-a sobre o chão com força, o que emmudeceu a bicharia, que embora dominada, olhava de revez para a caixa tentadora e só por absoluto medo a não assaltava.

Sherlock Holmes percebeu então o que fosse, mas Harry sem poder explicar o interessé dos macacos pela caixa não dominou a curiosidade e perguntou em segredo ao habilissimo policia:

—Mestre: que terá dentro a caixa, assucar, nozes ou quê?

Holmes meneou a cabeça, sorrindo.

—Socega, meu rapaz. Este nosso lugar é simplesmente precioso. Nunca julguei poder observar tanto!

Milan Sergejevitch abria vagaroso a caixa, e agora aproximando se successivamente de cada um dos macacos apresentava-l'ha aberta. E com indiscrepível pasmo Harry notou que cada um dos macacos tirava um cigarro e, immediatamente, muito senhor de si, o punha á bocca.

Quando o ultimo d'elles já recebera o seu foro, a caixa estava tambem vazia e Milan Sergejevitch, pois que findára a sua missão, mettu a na algeibra e puchando d'uma finissima cigarreira d'ouro tirou um cigarro mas d'esta vez para prazer seu. Accendeu-o a

um bico de gaz e andou depois de um para outro a ceder lume até que todos começaram a sorver com atitudes tão seriosas como cariocatas. De novo se sentou no chão e logo os macacos, talvez em «pose» o rodaram. (Que quadro lindo!) Na sala fez-se um silencio que ninguem se atreveu a desrespeitar. Todos os bichos, consolada, voluptuosamente, chupavam, freneticos, os seus cigarros e assim se immobilisaram até que ardeu o ultimo resto. Mas os que estavam já no fim acercavam-se agora dos que mais tinham poupada a fumar e roubavam-lhos. E irritados, guinchantemente exaltados e espoliados agora quebravam aguerridamente o silencio que dominava e tornou-se necessario o servio bater de novo com a bengala, o que varias vezes ainda se repetiu. Milan por fim avançou lentamente para a porta da gaiola, levantou na mão direita a caixa até ao alto, e todos os olhos se fixaram n'ella.

Chegado á porta e n'um momento em que já se encostara a ella atirou a caixa aos pés de um grupo de macacos que feriam o ar, horrivelmente, nos seus guinchos, e que, n'um segundo, se deitaram ao chão, se espeznharam, debateram, sapatearam, repelliram n'uma disputa furiosa. Os nossos tres espectadores reprimiam a custo o riso porque a scena era em verdade curiosa.

E depois de tanta lucta já nenhum sabia onde parava a caixa feita em mil pedaços pelos seus pés, repellões e dentadas. O guinchar aplacou-se então, e quando o guarda das jaulas appareceu, já estava restabeleçida a paz.

Sherlock Holmes gratificou o empregado com uma esplendida gorgeta, e os dois policiaes sahiram do circo, mas antes da porta de sahida separaram-se como d'antes, Harry tinha de ir ao café, para comparecer ao encontro marcado e esperar lá o servio. E no caso d'elle não apparecer até á uma hora, ficou combinado que tornaria para o hotel onde Sherlock Holmes o esperava.

O arrojado policia voltou ainda ao circo e, como conhecia já a planta do edificio, dirigiu-se logo á sala contigua á em que estava a jaula dos leões e tencionava esperar aqui a domadora, para saber por ella que relações tinha de intimidade com Milan Sergejivitch. Teve que esperar muito tempo. A sala em que elle estava ficava no caminho que os leões tinham de fazer todos os dias, e estava separada da jaula só por uma grade de ferro de tres metros de altura. Holmes ainda se approximou para ella alguns passos mas reconou immediatamente como se fôra verdascado. A dentro da grade, mesmo em frente a elle passava um magestoso leão de olhos potentes e illuminados como pharoes, e Holmes, que já em muitas situações bem criticas soubera apreciar a sua extraordinaria força e

audacia, contentou-se de olhal-o. E agora, com franqueza não sabia como libertar-se d'aquelle perigo: se arriçasse am salto heroico para traz, a fim de pôr-se a salvo no quarto que ficava em continuação, podia o astucioso felino lançar-lhe uma patada pela grade e aniquila-lo assim simplesmente. Teve uma idéa ousada: gritou penetrantemente ás orelhas do leão que, de momento, se assustou, o que lhe permittiu recuar e salvar-se.

Holmes respirou aliviado!

Apre! E na verdade ser alcançado por uma sapatada de leão, e só por tal fallecer sem mais, isso julgava o intemerato policia uma morte ingloria.

Affligira o a situação? Mas embora! Ficára ainda vencedor! Mas o que lhe repugnava era entregar-se incondicionalmente ao inimigo pelo motivo, não obstante de lhe fallecerem as ultimas esperanças.

Por isso estava victoriosamente alegre do seu arrojo. E agora ficava no quarto ao lado, reflexionando que extraordinario poder e resoluta energia não teria essa mulher para se impor a essas doze gigantescas feras rudes, potentes e desconfiadas. Um grito energico e uma amigavel chicotada levou-os rapidos para as dependencias em que se encurrallavam: o ensaio tinha terminado.

Cinco minutos depois, passos rapidos aproximaram-se e a domadora appareceu. E ficou altamente admirada quando deu ali com aquella homem que evidentemente se tinha demorado á sua espera.

Sherlock Holmes pediu lhe perdão de assim a importunar, dirigiu-lhe palavras de encomio pela habilidade dos seus domesticados e logo, affectando indifference, perguntou-lhe pelo seu companheiro. Ella, a principio, olhou-o, de subito admirada, com os seus bellos olhos negros e logo, com um sorrir desdenhoso.

—Acaso pensa no barão, meu caro senhor?

—Exactamente, graciosa senhora! Vi-o hoje, na rua, em sua companhia, e como tenho negocios d'importancia a tratar com elle, muito me obsequiaria dizendo-me qual a morada do barão.

—Ah! Isso nem eu propria sei, proseguiu ella gargalhando alto. Isso não sei... nem virei a saber, disse depois de alguma demora.

—E porque não? minha excellente senhora? insistiu Holmes, se eu ainda ha pouco ouvi que o senhor barão a acompanha aqui todos os dias e...

—Tem razão: é verdade. Mas olhe, isso é por outros motivos. Pois quer saber?—e nesta altura a domadora riu de boa vontade—toda a affeição dedicada aos meus macacos, affeição que de modo algum partilharia commigo... Além disso, e tomou uma attitude grave—o Barão é-me inteiramente indifferente. E' meu compatricio, jantámos muita vez á mesma mesa em

Begraldo. Alexandre Milanowitsch é um compaaheiro engraçadissimo mas nada mais. Por causa duma questão com um capitão austriacoteve de abandonar o serviço, mas o que eu nada sei é o que actualmente faz em Budapert. Quero suppor que está aqui em missão diplomatica secreta, mas isso são coizas, e aqui interrompen-se e olhou para Holmes attentamente, que nem a mim nem ao senhor dão interesse...

Sherlock Holmes, que já estava de posse do que pretendia e percebeu que a domadora não estava em intimas relações com o criminoso, dirigiu de novo e habilmente a conversa para os meritos da domadora, e ouviu-a, demorada e pacientemente, fazendo-se interessado pelos pormenores que ella dava dos seus domesticados. Em seguida despediu-se e a domadora deu-lhe alguns bilhetes para a noite da sua primeira exhibição.

Em excellentê humor seguiu Sherlock Holmes para o seu hotel, e ter-se-hia admirado bastante da facilidade e frescura dos seus movimentos contrastando com a sua apparencia senil, quem o observasse minuciosamente.

Harry já estava á sua espera no hotel

—O meu rapaz! Tu trazes uma cara terrivel! Que foi? Não o encontraste? Ora, isso não quer dizer nada! Eu até julgo que elle nunca mais terá vontade de fazer festas aos seus macacos! Que comica coruja!

O creado nesse mesmo instante trouxe o jantar e tanto mestre como discipulo se deitaram a elle como soffregos insaciaveis, pois nada tinham comido durante toda a tarde.

CAPITULO VII

A armadilha

Depois de se terem reconfortado sufficientemente e descansado levantaram-se e tomaram o café.

Holmes começou então a conversar:

—Ouve lá, Harry. Eu vou agora ao quartel general ter com o major que dirigiu na semana passada as investigações sobre o quarto caso de envenenamento e que esteve presente ao inquerito que se fez no quarto do morto. Em seguida saio do quartel disfarçado com o uniforme de capitão de Estado Maior e não devo voltar antes das oito: Pelo contrario vou passar para as ruas mais movimentadas da cidade.

Harry olhava espantado para o mestre, que continuou:

«Tu ficas aqui no hotel e deves prevenir-te para todas as eventualidades.

—Está bem, mestre, exclamou Harry vivamente.

—Ou volto sósinho ou trago o servio commigo. Neste ultimo caso vazes para o teu quarto e não appareces. E agora quer nos encontremos na escada quer nos encontremos na rua, não nos conhecemos. Percebeste, meu rapaz?

—Perfeitamente. E se apparecer com o servio?

—Então deixas te ficar, como já te disse no teu quarto, mas conservas-te prompto ao primeiro signal.

Harry abanou a cabeça em signal de que comprehendera. Holmes estendeu-lhe a mão a despedir-se. Já á porta voltou-se ainda e disse: eu trago o servio commigo, naturalmente depois tornamos a sair e tu segue-nos, sem que sejas visto, passo a passo. Tens dinheiro que chegue?

—Tenho ainda duzentos marcos.

—Bello! Estamos ricos. E não te esqueças do teu revolver. Adeus.

—Lembrar-me hei, mestre. Adeus.

Harry fechou a porta á saída do famoso policia; foi ver os seus revolvers, encheu-os de cargas e em seguida voltou para o seu quarto. Reclinou-se commodamente n'uma cadeira, acendeu o seu cigarro, pegou no jornal e esperou assim a sequencia dos acontecimentos.

Entretanto Sherlock Holmes dirigira-se ao quartel general, fazendo-se annunciar ao major, que o recebeu da maneira mais amavel.

O notavel policia desenvolveu os seus planos e impressões, a que o major adheriu de bom grado. E com equal aprazimento lhe concedeu licença para usar a farda de capitão durante alguns dias para, pelos seus planos, se apoderar do criminoso.

O uniforme e todos os accessorios correspondentes foram mandados vir e d'ahi a uma hora saiu do edificio do quartel general um esbelto capitão de Estado Maior em quem ninguem seguramente reconheceria o notavel policia.

Sherlock Holmes affastou-se rapidamente do local onde se metamorphoseara e verdadeiramente ansioso por se encontrar com o criminoso e começou a passear a sua esplendida figura pelas ruas mais concorridas da cidade.

E tão elegante era o seu trajar que muito rosto candido de donzella pendia corado pelo seu profundo olhar e fallavam d'elle bem animada e lisongeiramente, quando distava já alguns passos. E até senhoras casadas o fitavam interessadamente agradadas da esplendida figura, do bello aspecto que lhe dava o uniforme e facto é que a sua appareição atrahiu a curiosidade geral.

Já duas horas se tinham passado e durante ellas Sherlock Holmes peregrinara pelo bairro mais chic da cidade.

Decidira-se até a recomeçar a sua rota, quando sentiu dardejante sobre elle dois olhos, que fulguravam, a um canto da rua. Holmes sentiu-os sem os ver, tinha a certeza que era fitado sem descaço. Alongou os passos e olhou com indiferença para a vitrine d'uma tabacaria. Poucos passos atrás notou um homem de elegante figura e com uma bella cabeça.

—A isca pegou, disse consigo o celebre policia.

E, entrando na tabacaria, comprou, embora sem necessidade, um maço de cigarros, que abriu na occasião e uma duzia de charutos que mettu na charuteira.

Na rua calçou uma luva branca, a outra levava-a na mão, mas ao notar que o servio, tendo esperado por elle, agora ainda o seguia, proposadamente, mas como quem não repara, deixou cahir a luva, e apenas isto se deu, logo, com serenidade, sentiu tocarem-lhe no hombro, e assim Holmes, com sorridente cumprimento agradeceu ao servio a luva que cahira.

Estava achado o traço de ligação!

Sherlock Holmes, em palavras amáveis, agradeceu a gentileza, e assim se trocaram mutuas apresentações.

D'ahi entablaram conversa sobre a cidade e a actual estação de inverno, o que deu ensejo ao astucioso policia de intrometter com habilidade que já alguns dias se encontrava na cidade, para onde fora enviado com alguns camaradas mais, como substitutos d'aquelles que tinham morrido por forma tão mysteriosa.

O servio nem sequer uma palavra teve de resposta á menção do enigmatico envenenamento: simulou nada ter com aquelle caso, e como de modo algum se lhe referia, Holmes não insistiu mais. O habil policia procurou então, sob todas as cautellas, explorar o servio quanto ás suas opiniões, mas Milan Sergevitsch, depois de declinar o seu nome Barão Alexandre Milanovitsch, tornara-se extremamente laconico e o notavel psychologo que era Holmes percebeu que intimamente se dava no seu companheiro uma luta temivel nas suas opiniões. E seguramente conjecturou que Alexandre Milanovitsch procurava um qualquer pretexto para poderem fallar sosinhos n'um café ou mesmo na propria casa. Pelo seu estudo tão minucioso, tão detalhado, pela sua larguissima experiencia em assumptos criminaes, o prescridor policia lia na physiognomia do servio como se este sinceramente fosse um livro aberto. Por isso, insensivelmente, foi se aproximando do seu hotel, e quando chegava á porta convidou o seu novo conhecido para tomar um cafe e licie de vinho. Antes foi-lhe explicando que todos os officiaes desde a tragedia dos envenenamentos tinham querido arranjar uma casa n'um local mais publico, mas até ali ainda não tinham encontrado nenhuma

n'estas condições. E depois de alguma demora Alexandre Milanovitsch seguira-o para o hotel. Harry que os sentira chegar (tanto mais que Sherlock Holmes evidentemente para lhe dar avizo, começara a fallar em voz mais alta) já tinha prevenido o creado do hotel de que esperava um capitão do Estado maior, que talvez viesse acompanhado por um sujeito á pazana.

Por isso o creado não offereceu nenhuma difficuldade quando viu subirem a escada os dois recemchegados.

Harry já reconhecera o mestre pela voz; levantou-se quando o presentiu, lançou ainda um ultimo olhar ao quarto de Sherlock Holmes e fechou rapidamente a porta de communicação antes que os dois outros lhe apparecessem. Ficou junto á porta e na attitude de comparecer ao primeiro chamamento do mestre. Este entrara com o seu convidado, tinha tirado o sobretudo e o capote, e a um signal do capitão o servio sentou-se.

Harry, preventivo, mandara vir duas garrafas de vinho, de modo que elles agora assim podiam começar a sua conversação. Mas isto tambem não ia já a matar. Demais o servio tornara-se excessivamente laconico, o que compellia o capitão a ser immensamente cauteloso para lhe arrancar qualquer phrase. Já a segunda garrafa se iniciava quando então Alexandre Milanovitch entrou de se animar e tanto que as palavras, tumultuosamente, se lhe atabalhavam ao proferir-se. E aqui notou Sherlock Holmes pela primeira vez que o servio se comprimia frequentemente no allemão. E isto certo se lhe offereceu em contraste com a primeira conversa entre elles, no expresso do Oriente, quando difficilmente se expressava, de modo que pouco mais que balbuciar era o seu phraseado. Como explicar tal? Mas não era agora momento azado para taes investigações pois a conversa estabelecida visivelmente captivava o interesse de Milan Sergevitsch, e quanto mais ella progrediu tanto mais successivas e confusas eram as suas phrases descabidas que deixavam Holmes verdadeiramente desorientado.

Subitamente esclareceu-se o cerebro do imaginoso policia. Já em muitos casos—tão horrendos como este—o seu agudo engenho resolvera difficuldades parecidas, evitara eguaes catastrophes e até trouxera para o bom caminho muitas creaturas que assim restitua á vida e á sociedade humana. Mas aqui forçosamente capitulavam os seus geniaes dotes de intuição e luminoso intellecto. E só o occupou aquelle pensamento que o fizera estremeecer de horror.

Sim! Devia talvez... devia... e com um decidido impulso, olhou avidamente para o seu convidado e escutou-lhe as palavras insensatas.

Acudiu-lhe então esta tormentosa ideia. Aquelle

homem, ali fronteiro a elle, que incessantemente perorava, em phrases sem nexo, que acompanhava de desordenada gesticulação, em cujo rosto perpassavam fremores que o contorsionavam e cujos olhos negros vagueavam aqui e ali brilhando num fogo delirante, scintillando num fogo satânico, aquelle homem era forçosamente um louco!

Mas agora esse olhar que coruscava prendia Holmes, que então avaliou o justificado pavor de Harry na anterior e similhante occasião. Porque este rosto sanguineamente fogoso tinha uma expressão apavoradora e desenhava-se como que animado de uma força hypnotica. Mas agora, como que reagindo contra este estado, Sherlock subjugou os proprios nervos, vacillou ainda e tremulamente como um ebrião lá se ergueu, apoiado á meza, e hebeu, soffregou um copo d'agua. Fez-lhe bem: minutos decorridos Holmes fortalecera-se e agora, novamente proseguia a conversa, embora se visse irresistivelmente forçado a pôr um termo a esta situação que o enfraquecia.

E então Alexandre Milanovitch soltou uma gargalhada cascalhante que forçou Sherlock Holmes a um sorrir doloroso, pois ignorava que o servio tivesse dito ou que motivos havia para a sua desfraldada alegria.

Offereceu-lhe um cigarro e no mesmo instante se alterou, agitado, o rosto do seu hospede. Desviou o olhar, attentou na cigarreira do amavel policia e após curta demora decidiu-se. Holmes accendeu um phosphoro, approximou-se de Alexandre Milanovitch e depois accendeu tambem o seu, sabendo de antemão o que ia passar-se.

Com espirito aparentemente sereno começou a conversar e d'ahi a minutos já o cigarro se lhe tinha consumido totalmente. Era do que Alexandre Milanovitch estava á espera. Com a mão tremulamente nervosa, mettu a mão na algibeira de dentro do casaco, tirou uma cigarreira d'ouro e, a seu turno, offereceu cigarros. Nos olhos firmava-se-lhe um olhar odiento, vingativo, traiçoeiramente terrível olhando Holmes como a ave de rapina espiando, ainda mas já dominadora da sua presa.

E ao tocar a cigarreira, a mão do destemido policia tremia levemente... Ao tirar um cigarro reparou que não tinham marca e certo tinham sido propositalmente feitos pelo proprio barão. Os olhares do servio incendiavam-se a cada momento, seguindo todos os movimentos do capitão que o fitava, sorridentemente ironico. Holmes olhou ainda outra vez o cigarro, passou-o de uma para outra mão, sem interromper a conversa, aspirou-lhe immediatamente o aroma e logo resolutamente abanou alegre a cabeça e chegou-lhe lume. Simulando de verdadeiro apreciador, puchava lar-

gas fumaças e logo pelo nariz exhalaram enrolados fumos azulados que se erguiam.

—Que esplendido tabaco! Meu caro barão, disse sorrindo. A este não estamos nós habituados aqui.

—De boa vontade concordo, respondeu satisfeito Alexandre Milanovitch. Não os encontra eguaes em parte nenhuma do mundo.

—Oh! Tanto não! Permitta-me que duvide, meu caro...

—Não, não, meu querido amigo, persistiu o louco com a physionomia exaltada. Este tabaco vem da fabrica do Sultão, que só fornece os cigarros para o seu uso pessoal e para o harem.

—Então curvo-me. Tem o meu caro barão valiosissima justiça. Mas então tenho ainda de lhe pedir outro!...

—Oh! Da melhor vontade! Olhe, este, esse ahi de capa mais escura. Holmes tirou-o reservadamente e pousou-o nas mãos como que a pesa-lo. Levou-o á bocca em seguida, accendeu-o e soprot, voluptuosamente, uma azulada fumaça.

No quarto não se ouvia nem palavra. Sherlock Holmes reparou perfeitamente como arfava o thorax do servio e sentiu verdadeiramente crescerem-lhe os olhos e fazerem-se dominadores sobre si.

—Quer saber, senhor barão? começou Holmes forçando rir com gosto e levantando-se, isto é um prazer caro. Eu não devia ser indiscreto mas diga-me: não poderei alcançar, por amavel intermedio seu, uma porção d'este tabaco verdadeiramente maravilhoso? Isso era esplendido. Veja se me consegue isso, meu caro amigo. Aqui tem a minha mão. Ainda hoje havemos de fallar n'isso, hein?

Alexandre Milanovitch ouvira, com serenidade, as palavras do capitão. Os passos tornaram-se-lhe incertos, o olhar empallideceu, apagou-se-lhe o vivo fogo que os incendia, os joelhos estremeciam-lhe entrebaldando-se e nem sequer osava já fitar altivo, de alto a baixo, o capitão que se erguia na sua frente. E era agora curioso o espectáculo d'essas duas creaturas, as mesmas de ha pouco e agora tão diversas uma no seu apurmo e attitude erguialta, outra succumbida e paralyxada.

De profunda compaixão se sentiu tomado Sherlock Holmes ao ver sem brilho os outr'ora illuminados olhos do louco. Pegou-lhe no braço e andou a passear com elle para cima e para baixo no quarto, a tranquillisar o servio, que murmurou levemente:

—Muito obrigado, agradeço-vos muito. Já passou: foi uma afflicção passageira.

—Talvez seja melhor, lembrou rapidamente o capitão a quem occorreu uma bella idéa, irmos tomar um pouco d'ar. Deve-nos fazer bem a ambos. Eu pro-

prio tambem ainda me sinto incommodado da viagem d'estes ultimos dias.

—Sim, pois sim, vamos, concordou alegremente o louco a quem pareceu occorreu um novo meio de se desembaraçar de vez do resistente capitão. E' que o aniquilára redondamente o facto de ver em verdade impotentes os cigarros que elle proprio preparára com uma tal quantiosa dose de arsenico que infallivelmente mataria Sherlock Holmes ou antes o capitão.

E assim, por unica justificação occorrera-lhe que este, com uma habil manobra de algebras tivesse escondido os cigarros traicoeiros. Só assim explicava o achar-se alli ainda o capitão vivo e sorridente. E' que este avaliára o inimigo com que tinha de medir-se e por tal socorrera-se do estratagemas: se não fossem os seus innocentes cigarros agora já alli estaria frio, prostrado aos pés do louco que d'elle faria alcatifa para passar sobre a sua quinta victima.

Mas n'esta hora que se ia seguir é que Holmes avaliaria a intelligencia do servio. Os loucos, embora sejam tal, costumam, nos seus negocios, proceder com logica e astucia e isto torna verdadeiramente perigosa a sua proximidade. Mas d'esta vez Alexandre Milanovitch déra com quem lhe podia servir de mestre e deixára enlaçar-se na armadilha que elle proprio dispozéra.

E seria a sua extraordinaria viciencia (que é propria de um desequilibrado) quando se achou frente a frente com um adversario que reconhecia superior em intelligencia e audacia, seria essa sua aguda viciencia que o illuminou quando viu os seus criminosos planos detidos por tão forte obstaculo?

E curioso é que ao mesmo tempo que Sherlock Holmes imaginara de fazer internar o miserando louco n'uma casa de saude ou dete-lo provisoriamente n'uma prisão, o servio como que n'um ultimo vislumbre, manhoso e acquiescente, se decidia a acompanhar o capitão para, n'uma tentativa derradeira o eliminar. Os dois adversarios mediam-se e agora renascia fogoso, ardente o vivo brilho dos olhos do servio que não abandonavam Holmes, continuamente sereno em frente de Milan Sergejevitch, que ardia n'uma inquietude nervosa, e emfim murmurava:

—Bem, podemos ir... podemos ir. E posso até oferecer-lhe uma porção dos cigarros que me pediu. Vamos então ao meu hotel. Tenho lá um grande fornecimento: uma caixa cheia.

Holmes recebeu esta proposta de muito bom grado, tanto mais que até já se lembrára de lhe perguntar pela morada para emprender uma busca radical. De modo que ainda a meditar foi respondendo:

—Ora essa! Com muito prazer, senhor Barão, é-me immensamente agradável. Para que lado vamos?

—Vamos embora, apressou-se o servio que parecia desejosamente ansioso de se vêr na rua.

—Ah! Só um momento... Não me demoro nada! disse Sherlock Holmes em voz mais alta, denunciando-se a Harry que estava atraz da porta e tudo vira, tudo escutára quasi sem respirar.

—Prompto! podemos marchar! Vamos senhor Barão!

De braço dado, como dois amigos velhos, aquelles dois homens cujos caracteres formavam bizarro contraste, sahiram do quarto e em breve ultrapassaram a porta do hotel.

Mas a vinte passos d'elles, que despertavam attentões geraes, seguia-os, cauteloso, Harry Taxon, na ansiedade de ver desenrolarem-se as ultimas paginas dos acontecimentos.

O drama, sabia-o, chegava n'esta altura aos seus termos fataes...

CAPITULO VIII

Codilhado!

Alexandre Milanowitch seguira com o seu companheiro por diferentes ruas até que se deteve junto a um afamado hotel.

Harry susteve-se enquanto elles alli permaneciam: O louco parecia dominado de qualquer duvida porque, meditando, andava, para cima e para baixo, agitado, junto da porta do hotel. Por fim, resolutamente, voltou-se e seguiu com Sherlock Holmes, subindo a escadaria, até aos seus quartos.

Pelos corredores espessamente atapetados, encontraram-se com cavalheiros trajando á ultima moda e senhoras em toilette «chic» de passeio.

Chegados ao primeiro andar, torneou Milan para a esquerda e, á quarta porta, abriu-a para deixar entrar o seu hospede.

Era um quarto elegantemente mobilado: cama ao comprido e na parede fronteira uma outra porta, occulta por um pesado reposteiro, conduzia ao gabinete de trabalho do Barão. Havia ainda um guarda-vestidos, um lavatorio e uma chaise-longue.

Ao lado uma janella dava sobre um jardim. Depois de se desabafarem, o servio atravessou a primeira sala, ergueu o reposteiro e n'um gesto convidou o capitão a entrar para o seu escriptorio.

Sherlock Holmes adiantou-se mas rapidamente lançou ainda um olhar como que passando em revista a disposição do quarto e como nada notasse de suspeito avançou para a saleta onde o servio lhe offereceu uma cadeira. E ao mesmo tempo, como que recordando-se e fazendo um gesto de espera para Har-

ry, voltou ao quarto de cama e d'ahi a alguns minutos regressava com uma garrafa de vinho, e dois copos na mão.

Holmes chegára-se á janella cujas vidraças estavam abertas: a saleta dava para um dos lados da rua e d'aqui podia observar-se todo o movimento da rua em que estava o hotel.

E mesmo proximo avistou o audacioso policia o seu discipulo que andava para cá e para lá agora que o tinha descobrido e parando fizera um signal a Holmes. Este queria-lhe fazer signal de que poderia andar por alli, rondando o hotel, mas temia a todo o momento ser notado pelo perigoso servio que effectivamente agora já voltava do quarto de cama. O capitão retirou-se da janella, e a um gesto de Milan Sergejevitch sentou-se.

A saleta em que elles agora estavam era ampla, uma esplendida divisão: o unico inconveniente é que só tinha uma janella, mas era muito larga. Ao meio havia uma meza quadrada sobre que se elevava um centro com luz electrica, e em roda estavam dispostas poltronas em duas das quaes se recostaram commodamente os dois homens. O servio parecia propositadamente esquecer-se do motivo que o trouxera ao hotel. Agora, de novo, precipitadamente recomeçou a tagarelar e Sherlock Holmes, aproveitando esses momentos, sem o interromper, abrangeu o quarto n'um olhar decorando a sua disposição.

Mas tal como succedera no quarto de cama, nada atrahiu especialmente a sua attenção. Havia a um canto uma grande secretaria com cadeira correspondente, na outra parede uma estante, mais cadeiras junto ao fogão, uma mesa de piano, outra de jogo, lá ao canto uma chaise-longue e então no meio a larga mesa de jantar rodeada tambem de poltronas. Foi o que Holmes notou.

Mas o Barão repentinamente agora calava-se: o expedito policia fixou o. E Milan Sergejevitch como se obedecera a uma subita idéa puxou da cigarreira d'ouro e apresentou-a ao seu companheiro.

Sem pestanejar, Holmes pegou n'ella. E tão serenamente como no hotel, o official de estado-maior repetia a sua attitude, mas sem fitar o servio pois presentia que o momento ultimo era chegado e precisava reunir todas as suas forças para a lucta decisiva. Alexandre Milanovith tambem se immobilisara na sua poltrona, os olhos agora enrubrecidos e fuscantes, a bocca contrahida no conjunto tão quieto que nem dava signal de vida.

O destemido policia, com extraordinario sangue frio, sem sombra de hesitação, acabara o seu cigarro e com uma serenidade imperturbavel, contemplando as ultimas cinzas, disse para Milan:

—Antes que me esqueça o senhor Barão promet-

teu-me uma porção d'estes cigarros, não é verdade? De modo que tenho direito a elles...

O servio não poude reprimir-se e fez um gesto de nervosa contrariedade; depois ergueu-se n'um salto perfeitamente selvagem e tal que o capitão recuou assustado. A estatura de Milan Sergejevitch parecia avultar crescentemente e Sherlock Holmes esperando a todo o momento que o servio se lançaria, impetuoso sobre elle, como que tinha os pés pregados no chão. E já imaginando a investida fechava a sua mão de ferro que descahiria formidavelmente sobre a cabeça do servio ao primeiro movimento.

Mas nada d'isto succedeu: o Barão, cogitando, passeava nervoso pela sala e parara por fim junto á estante que ficava por detraz do capitão, que temendo elle o assaltasse pelas costas se torneou rapidamente até ficar em face de Milan Sergejevitch que ora o olhava numa expressão idiota, pareaica, ou simulava abysmar-se em meditações profundas. Como sob repentina resolução avançou da estante para a secretaria, e abriu uma das gavetas do lado e tirou uma caixa longa e larga que poz em cima da secretaria. Abriu-a com uma chavinha abanou a cabeça satisfeito e tornou a fechala.

Puchou outra vez a gaveta, duas caixas de flandres de formato identico ás latas de conserva, chegou-se á mesa de fumo, acendeu o coto de vela que ahi havia, partiu-o e pô-lo no meio da mesa. Holmes que olhava pasmado para todo aquelle scenario riu intimamente de todos estes preparativos. Julgou o arrojadissimo policia que Milan Sergejevitch agora se resolvera a fornece-lo para muito tempo dos seus cigarros e que, mesmo no quarto, já se preparava para lh'os oferecer e simplificava o caso tendo ali proximo uma luz accessa. Mas não: o atilado policia enganara-se terrivelmente nas suas conjecturas, porque o louco trouxera a caixa para o meio da meza, levantou-lhe a tampa e collocou de cada um dos lados cada qual das caixas de flandres, e ao meio o coto da vela accessa. De seguida avançou em passos rapidos para a janella e no auge do seu espanto viu Holmes que lhe brilhava na mão um revolver. E antes que o admirado policia tivesse tempo de raciocinar Alexandre Milanovitch ergueu a arma.

—Sim, senhor capitão, começou em voz vibrante ao tempo que um desdenhoso sorriso satânico lhe cobria o rosto, ao primeiro movimento que faça metto-lhe uma bala nos miolos e a cabeça espalhar-se-ha aos quatro ventos. Nessa caixa que está em cima da meza ha polvorra e ambas as caixas de flandres, que estão do lado, são duas bombas de dynamite capazes de destruir o proprio palacio imperial, e agora, proseguindo, sorria vaidosamente erguendo mais a voz, o castello imperial sobre o lindo e azulado Danubio. De

subito, se eu quizesse, fazel-o-hia saltar com todos os seus habitantes e até Sua Real, Imperial e Apostolica Magestade.

«Isso é que era! Isso é que era! meneava elle a cabeça imponente para Holmes, isso daria uma maravilhosa peça de fogo, e os vizezes, em geral todos os austriacos, durante muito tempo certo se haveriam de occupar d'este nunca visto espectaculo. Figurei-o para mim de modo differente, sim, de modo differente, continuei o servio como que monologando.

«E' que vós, senhor capitão, pareceis ter uma constituição extraordinariamente resistente, e eu interessadamente desejava saber se vos não faria saltar este fogo, verdadeiro brinquedo que está em cima da meza. Ah! Ah! Pois não é uma grandiosa idéa? Ora confesse, senhor capitão, pois não mereço eu a mais elevada condecoração servia por ter libertado a minha patria dos seus maiores inimigos? E vós sois-o na verdade! E dos maiores porque pareceis invulneravel. Os vossos outros camaradas, e aqui o louco riu selvaticamente, os vossos outros camaradas, tem-se portado muito melhor e assim estes negocios eram para mim uma festa, uma maravilhosa festa. Agora vós pareceis ser constituído d'outra fibra, o que eu não posso comprehender, mas d'aqui a um instante nós já vamos ver, nós vamos ver...»

Alexandre Milanovitch findára e olhava fixo para o capitão que desnotando, sem dar palavra, cada vez mais se afundava na poltrona e que podia dizer-se, tinha a cabeça por um fio. Tentava artizar se mas sentia que tudo o atordoava, e, fechando por um momento os olhos, quiz erer que um terrivel pezadello o estava mofando. Mas, ao reabril-os, fitou o louco, viu-o ainda immovel, de costas, para a janella e espianando-o com minuciosidade. A mão direita erguida sustinha ainda o revolver reluzente, com o indicador preso do gatilho e prompto assim, ao primeiro movimento do capitão, a enterrar-lhe uma bala assassina nos miolos. Por outro lado a sua morte parecia-lhe crescentemente proxima: no meio d'isto reconheceu que era insensata qualquer esperanza de salvação, pois dentro de meia hora, quando o couro acceso já derretido caisse na polvora (sobre que ardia, a tremenda descarga faria em mil atomos o seu corpo tão vizinho.

Uma reviravolta assim nos acontecimentos não a esperava.

Holmes, e na verdade melhor teria procedido se não tivesse acompanhado o louco ao hotel, já perdera a melhor oportunidade de o eliminar. Tão facil lhe teria sido isso com a ajuda de Harry: reconhecia-o agora tardiamente, pois os papeis tinham-se invertido. E Sherlock Holmes dava-se agora a tormentos imaginando como evitar a desgraça, a fatal catastrophe.

Pensou ainda, em ultimo recurso, n'um heroico alito de rectio, pôr-se fóra do alcance do servio e disparar o seu revólver, mas que! Alexandre Milanovitch, que o não perdia de vista um instante, pareceu adivinhar-lhe o pensamento, e cruzando os braços exclamou, rindo com altivez e ironia:

—Senhor capitão, senhor capitão, escusa de incommodar-se. A porta do quarto está fechada assim como a outra que dá para o corredor. Não me esqueci d'isso. E olhe, proseguiu elle provocadoramente sereno, não lhe serve de nada, porque ao primeiro movimento que faça carregó a polvora. Porque não poupa as suas forças para aqui a pouco voar com ellas?

Sherlock Holmes reconheceu que estava perdido e que n'este momento o servio tinha na sua mão a vida de todos os hospedes do hotel, de modo que nem sequer tentou entreter Alexandre Milanovitch em qualquer conversa amigavel porque sabia quanto os loucos são ferrenhos nas suas idéias e resoluções. Só uma taboa de salvação lhe restava e esta era poder explicar a Harry por acenos afflictivos a sua situação.

Sem ruido algum, sem que Alexandre Milanovitch o notasse, Holmes, millimetro a millimetro, ganhava terreno, e calculando que Harry ainda andasse a passear do outro lado da rua, esperava poder-lhe fazer signal tanto mais que o servio agora estava a olhar distrahidro para dentro do quarto. Quem andasse a passear na rua não podia ver o revólver porque o louco tapava-o com o corpo, mas como, sem dar por isso, o servio continuava a apontar o cano do revólver para Holmes que invisivelmente se ia aproximando da janella, o resultado era que o revolver ostentava-se agora á janella, e a isto deveu Sherlock Holmes a sua salvação. De facto, sabendo que Harry espiava o que se fosse passando, logo calculou que o seu discipulo traduziria no ameaçador revolver toda a tragedia que se estava desenrolando, e de facto Harry, que não era em vão o inseparavel do glorioso policia, agora descobrira o caso, altamente se admirará d'aquella attitude. Resolveu-se a ser mais presto nas suas delicias; bem podia por isso Holmes tranquillisar-se, e, em verdade, apezar do perigo em que se achava, no rosto perpassou-lhe um sorriso alegre. E já conseguira recuar talvez meio metro sem que o louco desse por tal e, seguindo o revólver o seu rosto agora já este apontava pelo hombro do servio.

De baixo subia até á janella o bulicio da movimentada rua que ecoava como uma esperanza de vida n'aquelle quarto lugubre. Aqui e acolá a luz estremecia aos estalidos, e ia-se derretendo, pouco a pouco, impiedosamente...

CAPITULO IX

Salvo!

Harry julgava uma eternidade aquella meia hora, de espera e inquietava-se-lhe febrilmente o espirito e o corpo que se agitava na rua em pequenos passeios.

Mas como todos que esperam a realisação dos seus negocios e julgam horas os minutos teve que resignar-se e ir esperando. Agora só desejaría ter observado os dois homens: já ouvira a voz do mestre. Que teria acontecido no quarto? Este silencio significaria que Holmes logo de prompto reduzira o servio á submissão e agora o dominava como um instrumento?

Confiava no valiosissimo engenho e audacia de Holmes—tantas provas este já dera de tal!—e baseado n'ellas não duvidava que o mestre já tivesse conseguido o seu triumpho. Mas tambem porque não o entregára Holmes immediatamente na primeira esquadra e, pelo contrario, assim acompanhava ao proprio hotel o seu adversario? Ou acaso se simplificara a questão não o chamando a elle Harry, em auxilio, prendendo o Barão e sabindo então todos do hotel?

Estas duvidas dominavam Harry, que não encontrava maneira de comprehender o servio.

Viu ali perto que horas eram: passára um quarto d'hora. E calculou que elles deveriam estar a sahir se acaso tivessem ainda a tratar algum negocio e Holmes para evitar alguma tentativa de fuga, acompanhasse o servio. E nest'altura o juvenil policia relanceando o edificio do hotel descobriu n'uma janella do 1.º andar um capitão: exactamente a figura de Sherlock Holmes. Harry avançou para a borda do passeio e abanou a cabeça para o mestre. O habil policia retribuiu a saudação e retirou-se logo da janella.

Deixou-se ficar á espera, e em breve descobriu o servio de novo á janella, mas virado de costas, apparentando escutar qualquer coisa que estivesse dizendo Holmes, decerto sentado ao fundo da sala.

Atravessou para o passeio do hotel mas não podendo observar nada d'este lado, voltou e pareceu exaltadamente admirado. Que? que era aquillo? Acaso se enganava, a sua vista o trahia?

E' que no braço direito do servio apontava brilhante um objecto qualquer que á luz projectada dos candieiros parecia avultar, engrandecer-se a olhos vistos. Mas que seria? Que objecto era esse que elle, de baixo, não podia reconhecer?

Harry desvairava. Mas impulsionalmente reagiu, avançou com impeto para o passeio e em poucas passadas attingiu os degraus do hotel: Galgou os como um gamo e, sem mais, perguntou a um creado que ia subindo onde era o quarto do senhor Barão.

—E' a quarta á esquerda, excellentissimo senhor, informou o creado. Harry, num momento, attingiu a porta, correu o fecho mas a porta continuava fechada.

—Maldito! murmuraram raivosos os labios do expedito policia. Abanou a porta, bateu, gritou, mas nenhuma resposta de dentro o acolheu. Então foi de novo ter com o creado, puchou-o pelos hombros, sacudiu-o vivamente e perguntou-lhe:

—As chaves, onde estão? Anda, depressa! A porta está fechada por dentro.

O moço encolhia os hombros, ignorante, opinando comtudo:

—E' porque o senhor Barão sabiu... »

—Homem!—gritou-lhe Harry, ameaçadoramente —homem! o barão está em casa! Tenho a certeza d'isso! Onde está o gerente do hotel, onde está elle?

Espantado, o creado apontou para um sujeito que tinha acudido á porta d'um gabinete do andar de baixo e que estava admirado de toda aquella scena. Harry correu para elle, segredou-lhe rapido, duas palavras, e ambos subiram apressados as escadas.

Chegados á porta do quarto, Harry com a sua gazuza, forçou a porta: assim chegaram á segunda porta que dava para a saleta e que fora fechada de igual modo.

Nada se sentiu de ruido. O gerente abanou, incredulo, a cabeça e ainda procurou convencer Harry de que o Barão realmente sahira, pois caso contrario áquelle barulho, já teria aberto a porta.

O desvairado policia nem lhe deu ouvidos, e só se esforçava de abrir a segunda porta por meio dos seus instrumentos: mas não o conseguiu.

Excitado portamanha agitação, os olhos vivamente enrubescidos corriam o quarto de cama: descobriu a varanda junto á janella e, n'um instante já Harry se empoleirava n'ella. Já da rua o observador discipulo de Holmes dera por ella e até reparara que Milan Sergejevitch a procurava para apoiar-se. Só agora sabia que o Barão tinha dois quartos, que até tinham sido alugados com esta condição.

Em dois passos estava do lado de fóra da janella, do outro quarto. apoiou-se e olhou para dentro. Nos primeiros momentos nada pode distinguir, tudo tão confuso era n'aquelle negrume, mas pouco a pouco, foi vendo melhor e reconheceu o seu mestre immovel na poltrona e frente a elle o servio, ameaçador, apontando-lhe um revolver, prateado da luz exterior, á ca-

beça. E viu que Holmes o tinha adivinhado e para o discípulo se voltára medrosamente.

Harry nada percebeu do extranho scenario do quarto. Só viu uma pequenina chamma tremulante, ameaçando de extinguir-se a cada segundo. Mas na aterrissada expressão do rosto de seu mestre, avaliára Harry quão extraordinarios factos se haviam passado.

Aproveitando as doutrinas do seu gloriosissimo mestre concluiu que n'esta situação só um soccorro immediato, absolutamente immediato evitaria uma catastrophe.

E tão desorientado ia que o gerente do hotel teve que segura-lo quando, elle, de volta, chegou ao quarto de cama. Mas que! já Harry descia a quatro e quatro os degraus arrastando-o e pegando no ascoltador do telephone de incendios ligára para o posto que ficava ali mesmo na rua visinha.

Dois minutos depois chegavam, rolantes, duas carretas de incendio. Uma corneta trompetára gritando nos ares, e Harry trocou duas palavras com o official conductor.

Berrou outro signal e a escada Magyrus ergueuse presta, aos lançes, enquanto as mangueiras eram rapidamente adaptadas. As machinas a vapor trabalhavam, silvando a miúdo com apitos, e estremeciam em convulsões.

Dois bombeiros ageis como esquilos, trepavam lá acima, enquanto Harry pela escadaria do hotel galgava num instante os degraus e chegava ao quarto onde sabia que Holmes se torturava em afflicções mortaes e tão esgotado estava de animo que ao ver o seu querido Harry á janella sem que o louco abstracto, cogitando, coisa alguma sentisse, deu-se por salvo. E a hora não permittia nem mais um segundo de espera: a vela consumira-se quasi totalmente. Um instante mais e...

Mas de repente, soou de novo a corneta.

Holmes olhou para o louco: este nem sequer um leve movimento fez. A novo toque ergueram a escada de salvação á janella: Holmes ia desfallecendo.

Na neblina da sua imaginação viu ainda uma bran-

ca, poderosa e espectral serpente precipitar-se no quarto e lançar-se sobre si.

Um sussurro longiquo ensurdecera-lhe os ouvidos, e succumbidamente desmaiára.

Quando recuperou os sentidos e acordou desse profundo ensurdecimento, olhou admirado em redor e viu-se estendido na chaise-longue do quarto de dormir do Barão. A' sua cabeceira o dedicadissimo Harry pallido ainda, em roda alguns bombeiros, os officiaes conductores e o seu velho conhecido, o cammisario, e o major do quartel general. Na saleta do lado estava, ligado como um fardo, Milan Sergejesvich vigiado de policiaes.

Sherlock Holmes levantou-se vagarosamente, sacndiu-se como que a libertar-se de um tremendo pedadello e apertou, em silencio, a mão a cada um dos circunstantes. Harry abraçou-o effusivamente beijando-o no rosto. Em seguida dirigiram-se todos para o escriptorio do servio. Sherlock Holmes poz-se em frente d'elle e observou-o com attenção notando que o louco entrebatia os dentes, raivoso, como um animal feroz quando se via fitado pelo genial policia. Pelos labios passava-lhe uma espuma amarelenta, de odio.

Todos se approximaram então da mesa sobre que estava a caixa com a polvora molhada ainda. Quanto ás bombas de dynamite, sob todas as precauções, tinham-nas inutilisado.

Sherlock Holmes pegou na caixa, tirou o pouco que sobejava do couro e apontou silencioso para o sitio em que tinham estado as caixas de flandres: este gesto valia uma longa explicação. Todos se olharam como avaliando a horrorosa catastrophe que poderia ter-se dado, enquanto o louco se debatia numa crise de excitação suprema, num riso rinchante e furiosamente aggressivo. O louco e os guardas de vigilia ficaram sós, até que o conduziram numa carruagem para uma casa de saude.

Que contraste! No dia seguinte, o nome de Sherlock Holmes, mais uma vez glorioso, vivia em todos os labios por entre phrases de admirador encomio...

FIM

Ler no supplemento ao numero 60

● Homem Invisível

Aventuras de Miss Boston, a mulher policia

MODERN-BIBLIOTHECA

Collecção de romances dos melhores auctores
Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
no texto

A *Modern-Bibliotheca* será constituída por edições luxuosas e artisticas, todavia até siveis aos menos abonados, offerecendo lhes, por baixos preços, as obras primas dos melhores escriptores modernos, dos grandes mestres do romance naturalista, baseadas em factos da vida real, analysados com invulgar observação e critica salutar.

Volumes publicados

I—Ditosa Lar, por *Marcel Prévost*

II—Aphrodite, por *Pierre Louys*.

III—Prima Laura, por *Marcel Prévost*.

Em preparação

Em Férias, de *Henry Regnier*—Sire, de *Henry Lavedan*
André Cornélis, de *Paul Bourget*—Memórias d'um fidalgo, de *Abel Hermant*, etc., etc.

Preço 500 réis

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances
de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume 13-8." brochado, com ex-
plendida capa artistica Rs. 100

Volumes publicados

A *enterrada viva*, por *Julio Lermina*. O *mascara negra* (*Proezas de Raffles*) por *E. W. Hornung*. O *segredo do abysmo*, por *G. Le Faure*. O *castigo d'um falsario* (*Proezas de Raffles*) O *amante da rainha*, por *Jean Kerleca*. O *roubo das reaes ordens* (*Proezas de Raffles*). Um *rival de Sherlock Holmes*, por *Hector Fleischmann*. Uma *aventura nocturna* (*Proezas de Raffles*). Um *parisiense na Persia*, por *Paul d'Ivoi*. O *estratagemma d'um banqueiro*. (*Proezas de Raffles*) O *paipe sangrento*, por *Michel Delines*. O *principe jogador* (*Proezas de Raffles*) As *catacumbas de Paris* (*Proezas de Raffles*). As *vinganças de Musolino* por *Michel Delines*. O *retrato da princesa Proezas de Raffles* O *diamantes do duque de Norfolk* (*Proezas de Raffles*)

A apparecer brevemente

Milagre de amor

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O GATUNO AMADOR

alternará no Livro Popular com novellas d'outros auctores, seleccionadas com o maior escurpulo.

Dirigir pedidos á

Empresa Lusitana Editora, C. do Ferregial, 23, 1.º Lisboa

Collecção Galante Illustrada

Explendidos romances de amor, com magnificas
photogravuras

A publicação mais barata de Portugal

300 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 300

Volumes publicados

I Memórias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2.ª edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Deusa do amor, por Jean Valgorge.—V Estroinices de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volupia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Joze.—XI Tormentas de amor, por Guy de Téramond.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propicia, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Fulptuosidades imperiaes, por Guy de Téramond.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugas, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Téramond.—XXII As que escorregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (*Amores de uma freira*), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Anadeu Boyer.—XXVI Sereia, por René Maize-oy.—XXVII As ultimas bechachetas, por Jean Gravign. XXVIII—O menino bonito, por Jean Valgorge. XXIX—Viuvus ardentes, por Victor Joze. XXX—Amantes femininos por Adrienne Saintange XXXI—O conquistador de eriaidas, por Paul Perrin e Robert Francheville

Em preparação

XXXII—Os espinhos do adulterio, por V. Saussay

Empresa Lusitana Editora

Collecção Amorosa

NOVELLASE CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

100 rs.

A nova publicação, que lançamos a publico n'uma di: e merada e ao alcance das bolsas menos abonadas, formará uma preciosa collecção das mais lindas novella e contos que a litteratura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados constituirá uma pequena bibliotheca de raro merecimento litterario, precioso escripto de verdadeiras maravilhas d arte.

Achim- e já publicados:

O *Segredo de Suzanna*, por *M. Prévost*. Uma *lreia*, por *Emile Zola*. *Missão delicada*, por *M. Prévost*. *Historietas brejeiras*, por *Armand Sylvestre*. *Sais mulheres para um homem*, por *C. Aubert*. *Contos do convento*, por *Catulle Mendès*. *A conquista do amor* (Nantas), por *Emile Zola*. *O amigo Ulysses* por *C. Aubert*. *Os ultimos bandidos*, por *C. Aubert*. *Cartas do mulher*, por *M. Prévost*

No prelo:

N'uma *noite de verão*, por *Emile Zola*. *Casamento d'amor*, por *Ludovico Halévy*. *Quadros vivos*, por *T. de Banville*.

Pedidos á

Empresa Lusitana Editora, Calçada do Ferregial, 23

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios

Os Amores e o culto de Satanaz

TITULO DOS CAPITULOS

PRIMEIRA PARTE, O culto de Satanaz:—I origens e progressos dos mysterios.—II A Demomania dos antigos.—III As seitas heresiarchas e as suas cerimoniaes.—IV Festas licenciosas do seculo xu.—V Votos e malefícios consagrados.—VI Profanações dos seculos xiv e xvi.—VII As missas e cerimoniaes escandalosas do seculo xvi.—VIII Assembléas satanicas—Missas negras dos feiteiros.—IX Malefícios, sortilégios, sacrilegios e missas negras do seculo xvii.—X Os convulsionarios e as suas doutrinas singulares.—XI O Templo da Maçonaria Egyptica—Cagliostro.—XII Cerimonias sacrilegas da Revolução.—XIII Missas negras modernas.

SEGUNDA PARTE, Os amores de Satanaz:—I Torpezas dos grandes senhores e do clero.—II Costumes dissolutos dos reis francos e dos bispos da Edeja Média.—III Gostumes publicos e privados a partir do seculo xi.—Os possessos demoniacos.—IV As possessas de Loudan e Louviers.—V Os vicios dos seculos xvii e xviii.—VI Os possessos de Morzina.

600 réis

Um grosso e elegante vol. in. 8.º gr.

réis 600



A vida d'aventuras

TEXAS JACK

O TERROR DOS INDIOS

TEXAS JACK, cujas aventuras, combates, triumphos e sofrimentos estão sendo inseridos na *Vida de Aventuras*, que acabamos de lançar a publico n'uma edição esmerada e economica, é o heroe do dia na Grande America.

TEXAS JACK! Não existe um americano que deixe de proferir tal nome com altivez e veneração.

TEXAS JACK, ha muito já que a fama do celebre aventureiro corre mundo sendo o nome do audacioso *gaucha* proferido com o respeito e admiração devido aos heroes.

TEXAS JACK! Por tal designação se tornou universalmente conhecido Jack Hawkins, que durante muitos annos habitou a moradia do pae adoptivo, a modesta herdade situada nas margens do rio North-Canada onde fora recolhido como engeitado. Educado ali, na floresta virgem, nas proximidades das savanas extensas, theatro das façanhas dos Indios, Jack tornou-se rapidamente um soberbo e herculeo corredor de bosques, cuja coragem, força physica e destreza provocaram, com leguas em redor, o entusiasmo e a admiração!

Aos 16 annos Texas Jack era o mais fino cavalleiro, o mais destro atirador e o mais intrepido caçador de Indios.

Foi, quando contava tal idade, que os Pelles Vermelhas atacaram uma noite a herdade e a incendiaram, depois de chacinar os moradores. Texas Jack conseguiu escapar á carnificina e, n'essa hora tragica, quando viu assassinados quanto lhe eram caros, quando viu desfeitas todas as suas illusões de mocidade, jurou sobre as ruinas fumegantes tirar de todos os Pelles Vermelhas a sua vingança!

E cumpriu o juramento como adolescente, como homem e como velho.

A *Vida de Aventuras* publica-se em numeros quinzenaes, formato 8.º gr., typo novo e excellente papel, contendo cada um **UMA OBRA COMPLETA** ao preço de **60 réis** cada numero.

Obras publicadas

N.º 1 Um heroe de dezesseis annos. N.º 2 Os corvos da California. N.º 3 Mulher demonio. N.º 4 O massacre de Camp-Lencaster. N.º 5 O ultimo rei dos Comanchos. N.º 6 Os pesquizadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Castello Mysteriorio. 9. O segredo do caçador. 10. Desforra sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. A vingança de Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandolões. 15. Como Texas Jack, encontrou seu pae. 16. A mala-posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As nupcias de Buena-Vista. 19. A destruição de Troy. 20. Barnum e Texas. 21. Cariti, o s'lvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O feiteiro de Prescott-Park. 24. Por ares e ventos. 25. Uma batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas Jack. 27. A Revolta dos Negros Mexicanos. 28. O Mercador de Féras. 29. A Fonte de Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um Crime no Deserto. 32. A Ultima Rainha dos Utah. 33. Boh, o Taciturno. 34. Um Ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Bufalo Infernal.

Pedidos á Empresa Lusitana Editora

C. do Ferregial, 23 1.º—LISBOA